



ÍNDICE

PRA COMEÇO DE CONVERSA-----	07
APRESENTAÇÃO: QUEM SOMOS, POR QUE E COMO ESCREVEMOS O LIVRINHO-----	09
A REALIDADE DA NOSSA ÉPOCA-----	
13	
1. O domínio do império romano-----	
14	
2. Roma, a capital do império-----	
16	
3. A vida em Roma-----	
17	
UM POUCO DE HISTÓRIA DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS EM ROMA-----	
19	
1. Os primeiros passos-----	
20	
2. As comunidades crescendo-----	
21	
3. A carta do apóstolo Paulo-----	
21	
4. Os apóstolos Pedro e Paulo em Roma nas nossas comunidades-----	22
5. Ameaças, perseguições, conflitos-----	22

COMO FOI SURGINDO O NOSSO LIVRINHO DA	
BOA NOTÍCIA DE JESUS-----	27
1. Panfletos, folhetos, apostilas-----	28
2. Alguns exemplos-----	28
A SITUAÇÃO DAS COMUNIDADES CRISTAS EM ROMA NO	
MOMENTO DA REDAÇÃO DO LIVRINHO-----	33
1. Conflitos externos-----	34
2. Conflitos internos-----	38
NOSSOS OBJETIVOS NA REDAÇÃO FINAL DO LIVRINHO	
1. Quem é Jesus-----	45
A. Uma pergunta na boca de muitos-----	45
B. Muitas opiniões diferentes-----	46
C. Jesus de Nazaré é o Cristo, o Messias sofredor-----	47
D. Jesus, uma pessoa alheia à publicidade-----	50
E. Jesus, de Nazaré, o crucificado é o Filho de Deus-----	50
F. Jesus, uma vida vivida no meio dos conflitos-----	51
G. Jesus, nosso único Salvador e Libertador-----	
52	
2. Que quer dizer acreditar em Jesus aqui em Roma-----	53
A. Uma pergunta importante e comprometedora-----	53
B. Aprendendo junto com os discípulos, na escola de Jesus-----	54
C. Acreditar em Jesus é seguir Jesus pelo caminho da cruz---	55
D. Uma caminhada importante para aprender a ser	
discípulos de Jesus-----	56
E. Aprendendo de Jesus durante os seus	
últimos dias em Jerusalém-----	58
F. Durante o processo-----	61
G. O encontro com Jesus ressuscitado na Galiléia-----	62
H. Resumindo: discípulos, apóstolos, profetas-----	63
LEMBRANDO DE NOVO A INTENÇÃO E A FINALIDADE	
DO LIVRINHO-----	
65	
FINALIZANDO-----	
69	
1. O livrinho não aça-----	70
2. Acolhida e uso do livrinho nas comunidades-----	
71	
3. Um agradecimento e um convite-----	72

APRESENTAÇÃO

Este texto é um estudo feito pelo padre Luís Mosconi, que trabalha no campo da formação de agentes pastorais em Belém do Pará, numa experiência que vem acumulando junto com o CEBI há vários anos.

O objetivo do presente livrinho é despertar em todos os seus leitores um interesse de conhecer o texto e o em contexto que nasceu e foi feito o Evangelho de Marcos.

A maneira simples de apresentar e a forma de conversar que LUÍS Mosconi coloca na boca dos autores, a comunidade primitiva, faz do texto, algo apaixonante, fácil que parece que estamos vivendo àqueles dias dos primeiros cristãos.

Que os jovens do Meio Popular, os Animadores Adultos, os militantes, as Comunidades Eclesiais de Base, e todos que se sentirem interessados em penetrar na sabedoria das primeiras comunidades a partir deste texto, possam se banhar da riqueza que flui da Palavra de Deus, como o nosso corpo se alimenta não só da comida, mas também de um banho saudável na água fria e limpa.

Não é um texto para a simples leitura individual. Mas sobretudo, para proporcionar o encontro das pessoas a partir daí, um dando forças ao outro, e estudar a Palavra de Deus, que vai se tornando também oração.

Ontem a comunidade primitiva encontrou uma grande barreira para viver a utopia de um mundo de irmãos; hoje também nós encontramos barreiras como o dragão chamado sistema capitalista, que se expressa no latifúndio, no salário baixo, no desemprego, na falta de moradia, na falta de escola, etc.

Vamos juntos fazer o mutirão do encontro com o verdadeiro rosto de Jesus de Nazaré!

A equipe de assessoria
Lourdes, Marival, Jessé, Murilo e Félix

Recife, Pentecostes 89
PJMP – NE II

PRÁ COMEÇO DE CONVERSA

1. Essa versão nasceu provocada pela caminhada evangélica e libertadora das Comunidades eclesiais de base e é, sobretudo para elas, para cristãos militantes e agentes de pastoral que se destina. Ela é marcada pela preocupação pastoral e existencial.
2. Intenção da versão é resgatar o rosto vivo de Jesus Cristo, assim como ele foi vivido e testemunhado pelas primeiras comunidades cristãs de Roma, lugar onde foi escrito o Evangelho de Marcos, provavelmente pelo ano 71 depois de Cristo.
3. Para uma compreensão a mais fiel possível do texto, é fundamental situá-lo no contexto em que surgiu. Todo texto nasce de um contexto. O contexto marca o texto e o texto é posicionamento frente ao contexto. Não são por acaso as diferenças significativas entre os quatro evangelhos. Nasceram em contextos diferentes.
4. Dentro e por trás de evangelho de Marcos, como em todos os livros da Bíblia, tem vida, tem gente, tem situações concretas, tem

gritos, perguntas, conflitos. Ler a Bíblia é dialogar com o texto e o contexto, é escutar a vida, as situações que aparecem, para descobrir aí com maior clareza a Palavra de Deus viva e eficaz.

5. Essa versão quer ajudar a descobrir onde bate o coração do texto, por onde estão as forças geradoras do texto. Tudo isso para devolver a palavra ao texto. Fazer com que o texto fale por ele mesmo. Fazer todo o possível para não violentar o texto. É perigoso, é proibido amordaçar a Palavra de Deus.
6. A versão busca ser fiel à exegese científica mais aprofundada no momento e ao mesmo tempo busca ser fiel aos anseios das comunidades cristãs e cristãos militantes de hoje.
7. Essa versão deseja superar o mais possível uma leitura fundamentalista, aérea, alienante. Convida para uma leitura espiritual, militante, orante, comprometida desde os pobres, com os pobres e para os pobres. Deseja revelar a mística de um povo, o povo de Deus das primeiras comunidades cristãs de Roma, comprometido no seguimento e no anúncio da Boa Notícia de Jesus, o Cristo, o Filho de Deus.
8. É bom lembrar: a vida de Jesus e a sua prática conflitiva não foram invenção das primeiras comunidades. Pelo contrário, a situação conflitiva vivida pelas primeiras comunidades por causa **do** Reino permitiu recuperar e entender melhor a vida conflitiva de Jesus.
9. Essa versão é só uma tentativa, uma maneira de aproximar-se do texto com mais vida. Quer sintonizar-se melhor com o texto e o contexto. Ela traz consigo alguns limites. É o risco **de** toda leitura da Bíblia. Daí a importância de uma permanente leitura da Palavra de Deus, em comunidade, em oração, em abertura ao Espírito Santo, numa atitude de busca sincera, humilde e corajosa. É fundamental, porém partir sempre do lugar social dos pobres, porque foi aí que se revelou a Palavra de Deus.
10. Essa versão quer oferecer algumas chaves de leitura para uma melhor compreensão do texto. Ela remete ao texto, não substitui o texto. É instrumento. Quer abrir o apetite para saborear com mais gosto e com mais compromisso o texto sagrado.
11. Pra falar a verdade, a pessoa e a prática de Jesus são tão radicais e tão empolgantes, que toda vez nos aproximamos dele, novas

intuições, novos apelos aparecem. Nenhum comentário portanto, nenhuma experiência pode se dizer acabada...

12. As citações numéricas, sem a indicação do autor, são todas tiradas do evangelho de Marcos.

APRESENTAÇÃO:

QUEM SOMOS, PORQUE E COMO ESCRIVEMOS O LIVRINHO DA BOA NOTÍCIA DE JESUS.

Henrique, falta o desenho desta página. O programa não conseguiu lê-lo.

Somos alguns membros das primeiras comunidades cristãs de Roma. Pelo ano 71 depois de Cristo participamos ativamente da redação final do "o evangelho de Jesus, o Messias, o Filho de Deus" (1,1). Com essa conversa queremos contar pra vocês como foi mesmo surgindo esse livrinho. Para entender bem a mensagem do livrinho, achamos importante que vocês estejam bem por dentro de onde nasceu o livrinho, quais as situações, os motivos e a finalidade que nos levaram a escrever esse livrinho.

Pra ser sincero, ele não é obra exclusivamente nossa. Não surgiu do nada. Ele foi provocado pela vida e a caminhada das nossas comunidades. Ele foi nascendo aos poucos. Já havia várias folhas e apostilas em uso nas comunidades. Também esse material **foi** aparecendo aos poucos, provocado pelas situações concretas e graças à pregação dos apóstolos e dos missionários itinerantes **que** visitavam as comunidades.

Nós aproveitamos todo este material existente, como também algumas tradições faladas e transmitidas nas comunidades durante as celebrações e as reuniões de reflexão. Organizamos tudo isso, levando em conta a vida e as situações concretas das comunidades.

Nossa intenção não era escrever uma história bem arrumada sobre a vida de Jesus. Para isso teria sido necessário muito tempo e muito papel. Nossa preocupação maior era manter viva a memória da vida de Jesus, para que essa memória servisse de orientação decisiva para a caminhada difícil

pela qual estávamos passando em Roma nos nossos tempos.

Escrevemos o livrinho 40 anos depois da morte e ressurreição de Jesus. Portanto foi bastante tempo depois, quando já havia dezenas e dezenas de comunidades cristãs espalhadas em várias regiões do império romano. Através de missionários itinerantes e de vários cristãos de passagem ou vindos morar em Roma, tínhamos notícias de muitas comunidades espalhadas pelo mundo afora, com suas alegrias, dificuldades e esperanças (1 Tess. 1,7-8). Graças às muitas estradas e aos muitos navios que circulavam pelo mar mediterrâneo, era bastante fácil a troca de notícias entre as comunidades espalhadas pelo império (Rom. 1,8; Atos 18,1-3; 1Pedro 1,1). Essas trocas de notícias nos animavam bastante e nos davam mais força para a caminhada.

Quando, porém escrevemos o nosso livrinho, nossa intenção **era** nos dirigir de maneira especial às comunidades cristãs que

viviam em Roma. A situação dura e conflitiva das nossas comunidades marcaram profundamente toda a composição do livrinho. Aliás, esta era também a situação concreta vivida por cada um de nós do grupo redator. Perseguições, ameaças, calúnias, suspeitas eram o nosso pão de cada dia. Não foi fácil achar tempo e lugar para a redação do livrinho. Ele foi escrito aos poucos, a pedido das comunidades. Foi escrito com os pés no chão das comunidades, em clima de muita abertura à presença do Espírito de Jesus e de escuta aos chamados de Deus.

Sim, foi escrito por pessoas membros vivos das comunidades, que, apesar das fragilidades, buscam ser discípulos de Jesus e construtores do seu Reino. É claro que todo o livrinho foi escrito baseado e inspirado no testemunho e nos depoimentos daqueles que conviveram mais de perto com Jesus. Tivemos a sorte de algum deles morarem conosco, como Pedro e Marcos (1 Pedro 5,13).

Queremos agora dar algumas informações importantes sobre a realidade da nossa época. Isso vai ajudar melhor nossa prática e a nossa busca de fidelidade à vida de Jesus. A realidade da nossa época marcou muito a nossa vida e o surgimento desse livrinho.

A REALIDADE DA NOSSA ÉPOCA



I. O DOMÍNIO DO IMPÉRIO ROMANO

Nossas comunidades estão localizadas em Roma e nas vizinhanças do interior. Roma é a capital do império romano. Portanto é a sede da maior potência mundial da nossa época. Realmente o império romano é algo impressionante. Na nossa época o império romano praticamente controlava todas as regiões que tinham alguma ligação geográfica, estratégica ou econômica com o Mar Mediterrâneo, até o ponto de esse mar ser chamado pelos romanos de "mar nosso". Além disso, controlava outras regiões adentro. O imperador Nero tinha planejado anexar também as regiões do mar Negro. Não deu certo porque morreu.

Os romanos conseguiram construir esse imenso império graças a um exército forte, poderoso, bem treinado, bem equipado e com generais muito espertos na arte de guerra. O exército romano é organizado em tantas legiões espalhadas nos pontos mais estratégicos do império, para manter sob controle os novos dominados. Ao todo eram mais de 450.000 soldados. Uma rede de estradas liga Roma com todos os pontos importantes do império, para facilitar a mobilização das legiões, a circulação das mercadorias e a cobrança dos impostos.

O império romano não admite a existência de outras potências que possam ameaçar o seu domínio. Era implacável diante de qualquer tentativa de revoltas. Ele foi se expandindo cada vez mais também porque necessitava de recursos para seus gastos imensos. Imaginem quanto precisava só para sustentar o seu exército de 450.000

soldados. Além disso, o império tem muita burocracia e Roma, a capital, tem mais de 1 (um) milhão de habitantes. O sustento da capital depende quase que totalmente dos recursos que vêm das várias regiões submetidas. Os tributos e os impostos que o império cobra são muito alto, provocando assim o empobrecimento das massas. Foram os romanos que criaram o sistema do latifúndio, para atender aos interesses do estado e de uma minoria.

Outro motivo da expansão do império é também a necessidade de muita mão de obra barata para fazer frente a grandes construções públicas e privadas, como pontes, estradas, aquedutos, monumentos, quartéis militares, muros das cidades, palácios, vilas. Muita mão-de-obra era necessária também para trabalhar nas minas, nos latifúndios, na construção de navios e para servir, às centenas, como remadores nos navios de guerra e de transporte.

Foi por isso que o império romano criou a lei da escravidão. Muitos povos conquistados, sobretudo os mais rebeldes, se tornavam escravos do império. O império romano é um império escravagista. Precisava de escravos para sobreviver. Só em Roma a metade dos habitantes é escrava. Ser escravo significa viver como não-gente, sem liberdade, na total dependência dos senhores. No império tudo virou mercadorias: terra, produtos, pessoas.

As pessoas não são donas de si e nem de seus produtos. O império todo era um imenso comércio controlado pelo estado e por uma minoria de famílias nobres. Ao longo das numerosas estradas construídas pelo império, havia quartéis, fortalezas, cidades, pontos de apoio. O império todo parecia um imenso canteiro de obras. A circulação de mercadorias, de pessoas, de tropas, de escravos era muito intensa.

A política do império romano respeitava bastante as tradições, os costumes dos povos dominados, contanto, porém que paguem impostos pesados e não provoquem rebeliões. Nesse caso a repressão era violenta e implacável. Só dois exemplos:

No ano 66 depois de Cristo em Alexandria do Egito houve uma rebelião de judeus. O representante do império mandou massacrar milhares de judeus. Em julho de 66 d.C. o governador romano da Palestina mandou crucificar dezenas de judeus em Jerusalém. Os judeus se revoltaram e, liderados pelo movimento guerrilheiro dos zelotes, conseguiram expulsar o exército romano da cidade. A reação do império

não demorou. Mais de 60.000 soldados romanos cercaram a cidade. Foi guerra aberta, que durou quatro anos. No fim a cidade caiu nas mãos dos romanos. Foi uma destruição total.

Como já dissemos, o comércio por terra e por mar era muito intenso. Circulavam muitas mercadorias, riquezas naturais e dinheiro. Havia muitas migrações em busca de riquezas ou de sobrevivência. Muitos também das nossas comunidades vieram de outras regiões buscando melhores condições de vida. A compra-venda de escravos era intensa. Era um vai-vem constante.

A circulação das riquezas, o esplendor das grandes obras era tanto, que muitos chamavam a nossa época de “época de ouro, abençoada pelos deuses”.

Muitos, sobretudo os que se beneficiavam do império, diziam: nunca houve época igual de esplendor na história. Feliz quem

nasceu nesta época. Viva o império romano que garantiu toda essa fartura e riqueza! Infelizmente não diziam que toda essa riqueza era às custas da exploração. A famosa paz romana era baseada na repressão dura, sangrenta. Em poucas palavras, era uma grande mentira.

2. ROMA, A CAPITAL DO IMPÉRIO.

É o centro, o coração do império. Nós que moramos em Roma podemos constatar isso. O imperador mora em Roma em grandes palácios. O centro de toda a organização burocrática do império é aqui. As grandes famílias ligadas ao poder têm sua residência aqui. As tropas melhores do exército estão aquarteladas aqui. A polícia imperial é a parte melhor do exército. Para Roma chegam os melhores produtos do império, a maior parte dos impostos e massas de escravos em continuidade. O controle do exército e da polícia é grande. Tudo o que não se enquadra dentro do sistema do império, é visto como perigoso, subversivo e portanto logo reprimido. Os acontecimentos importantes nos territórios do império tinham repercussão na política e na vida de Roma.

Roma freqüentemente era e é teatro de brigas violentas entre as famílias poderosas na luta pelo poder. Essas brigas não ficavam só nos palácios. De fato cada família nobre tinha muitos partidários no meio do exército, do povo e das massas dos escravos. Assim por causa dessas brigas, rios de sangue corriam pelas

ruas e praças de Roma.

No ano 54 d.C. subiu ao trono imperial o jovem Nero, graças às muitas intrigas da mãe Agripina. Nero foi um imperador vaidoso, agressivo, prepotente, sanguinário. Para segurar o poder continuamente ameaçado, chegou a ponto de matar a própria mãe, um irmão e a esposa. Com a cumplicidade de Pompéia, sua segunda esposa, instaurou um reinado de terror, massacrando todos os suspeitos que não simpatizavam com ele ou com os seus métodos de governo. Foram anos de ditadura terrível. Também as nossas comunidades foram atingidas pela fúria sanguinária do ditador. Muitos irmãos morreram assassinados.

A vida da corte era luxuosa, frívola, entre um banquete e outro, onde se tramavam muitas mortes e vinganças. As finanças **do** império ficaram abaladas pelos caprichos da corte imperial.

Nero, para restabelecer as finanças, confiscou muitos bens particulares, aumentou os impostos. Assim crescia cada vez mais a miséria do povo. Ele vivia mais preocupado com as suas estranhas peças teatrais, de que com a situação do império. Para cativar a simpatia do povo, organizava muitos jogos e divertimentos gratuitos. De vez em quando distribuía para a grande massa dos pobres muita quantidade de alimentos.

Em julho de 64 houve um grande incêndio em Roma, atribuído ao mesmo Nero. Para acalmar a reação do povo, foi preciso encontrar um bode expiatório. Nós cristãos fomos acusados pelo crime. A repressão e a perseguição caíram em cima das nossas comunidades. Muito dos nossos irmãos foram mortos violentamente. Foram tempos terríveis. Os mesmos apóstolos Pedro e Paulo foram vítimas dessa fúria sanguinária.

A truculência e a ambição de Nero eram tantas, que até várias tropas do exército começaram a se revoltar contra ele. Levantou-se o grito de guerra "abaixo o tirano". Nero foi declarado inimigo político. Teve que fugir. Por fim foi obrigado a suicidar-se. Era o ano 68. Nós assistimos a todos esses acontecimentos. Eles marcaram muita a vida das nossas comunidades.

A luta pela sucessão de Nero foi dura, violenta. Somente durante o ano 69 houve quatro imperadores. No fim quem ganhou a luta pelo poder foi o general

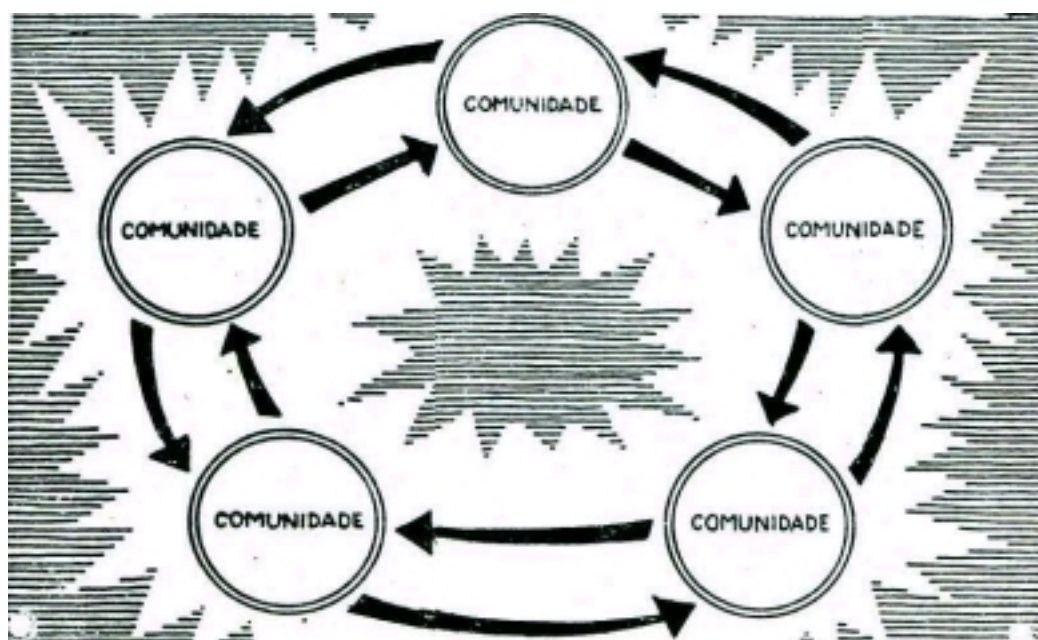
Vespasiano, apoiado pelas legiões do Oriente. Na época ele estava em guerra contra a insurreição judaica em Jerusalém. Vespasiano teve que se ocupar das finanças arruinadas pela extravagância doentia de Nero e pelos altos custos da guerra civil em 69. Como consequência, o empobrecimento do povo aumentou.

3. A VIDA EM ROMA

Apesar de tudo, Roma oferecia e oferece grandes vantagens para as famílias nobres e seus afilhados e para os que eram livres e tinham cidadania romana. Há grandes edifícios públicos decorados com muita elegância. Praças, parques, fontes, jardins públicos, ruas largas e calçadas, escolas, mercados, lojas marcam a vida da cidade. Teatros, circos, museus, bibliotecas públicas, luxuosas piscinas públicas com campos de atletismo, clubes, restaurantes fazem alegre a vida da cidade. Vilas ricas, galerias de estátuas, monumentos, templos e o palácio dos imperadores criam

a admiração em mais gente. O sonho de muitos é morar em Roma. A polícia imperial garante a ordem pública. Sete corpos de bombeiros cuidam das situações de emergência. Funcionários especiais fiscalizam os aquedutos, os esgotos e a conservação dos edifícios. Tudo isso, porém às custas de pesados impostos cobrados no império inteiro. Massas imensas de escravos vivem em total dependência dos seus senhores. A falta de emprego e a pobreza em nossa época eram tanta que 200.000 pessoas eram mantidas pelo Estado. Quando faltava alimento, havia revoltas. Saques, agitações. A polícia reprimia duramente. É esse ambiente em que nós vivemos e de onde escrevemos o livrinho da Boa Notícia de Jesus.

UM POUCO DE HISTÓRIA DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS DE ROMA



I. OS PRIMEIROS PASSOS

Pelos anos 40 d.C., cerca de dez anos após a ressurreição de Jesus, a Boa Nova de Jesus chegou em Roma, trazida por alguns judeus cristãos. O começo foi muito pequeno e simples. Nesse período, os cristãos eram vistos como parte integrante da religião judaica, gozando, portanto de alguns privilégios que o império tinha concedido aos judeus, como por exemplo, a dispensa de prestar culto ao imperador. Aos poucos, grupos de cristãos foram nascendo. Eram grupos pequenos, de 20 a 50 pessoas. Havia cristãos de origem judaica, outros de origem pagã. Muitos eram escravos, outros eram livres, pequenos comerciantes, artesãos, e havia até soldados do exército romano. Essa composição tão variada tornava às vezes difícil a convivência e o caminho. O que mais unia eles — e alguns do nosso grupo estavam presentes desde o começo — era a fé em Jesus Cristo como único Senhor. Essa fé em Jesus de Nazaré, crucificado e ressuscitado, revolucionou a vida dos nossos primeiros grupos. Mesmo com dificuldade, nova vida estava nascendo, com novas relações de solidariedade, de partilha, de perdão, de igualdade.

Nós, os que estamos presentes desde os primeiros passos, queremos dizer que não foi e não é fácil viver essas novas relações, levando em conta a sociedade marcada pela divisão em livres e escravos, em ricos e pobres e marcada pelo domínio dos homens sobre as mulheres, do poder político violento e vingativo.

Tínhamos plena consciência de que essa nova maneira de viver era bem

oposta ao sistema do império e da cidade de Roma e que antes ou depois teríamos encontrado conflitos. A colônia dos judeus, numerosa em Roma, percebeu isso e foi tomando cada vez mais distância de nós, para não ser confundidos como coniventes. Por sinal foram eles mesmos que começaram a denunciar os cristãos junto às autoridades e a polícia imperial.

Foi por causa disso que no ano 49 d.C. o imperador Cláudio expulsou muitos cristãos de Roma. Soubemos depois que o mesmo apóstolo Paulo conheceu em Corinto um casal de judeus cristãos expulsos de Roma, Áquila e Priscila. Paulo morou com eles e assim pôde enteirar-se melhor da nossa situação em Roma (Atos 18,1-3; Rom 16,3).

2. AS COMUNIDADES CRESCENDO

Felizmente, esse fato não chegou a abalar a caminhada das pequenas comunidades. Pelo contrário, mesmo com as dificuldades de antes, foram crescendo e se organizando melhor. Havia comunidades que se reuniam em casas diferentes, como por exemplo, na casa de Áquila e Priscila (Rom 16,3-5), na casa de Aristóbulo (Rom 16,10), na casa de Narciso (Rom 16,11), na casa de Hermas (Rom 16,14), na casa de Olimpas (Rom 16,15).

Outra novidade significativa é que várias mulheres exerciam serviços importantes nas comunidades, como a diaconisa Febe (Rom 16,1), Junia apóstola do Senhor (Rom 16,6), Júlia e a irmã de Nereu (Rom 16,15). Também isso não foi fácil, por causa da mentalidade dominadora que havia em relação às mulheres. Houve até problemas por causa disso dentro das comunidades. Por causa das fáceis comunicações entre Roma e o resto do império, e pela passagem de muitos cristãos em Roma, nossas comunidades se tornaram conhecidas em muitos outros lugares (Rom 1,8).

Dificuldades e incompreensões não faltavam. Suspeitas, desconfianças, acusações injustas eram levantadas por pessoas de fora. Tachavam-nos de grupos fechados, clandestinos, praticando ritos estranhos e perigosos para a segurança do império.

Também dentro dos nossos grupos às vezes havia tensões, causadas, sobretudo por

irmãos ainda muito amarrados às leis judaicas. Certa vez, alguns cristãos de origem judaica tinham encontrado o apóstolo Paulo e conhecido o seu trabalho de evangelização no meio dos pagãos na Ásia Menor. Não gostaram. Eles, passando por Roma, deram o maior escândalo (Rom 16,17-18). Acusaram Paulo de pregador falso e contrário às tradições antigas, que mudava tudo e igualava judeus e pagãos. Foi aquela confusão.

3. A CARTA DO APÓSTOLO PAULO

Nós informamos Paulo de tudo isso e aproveitamos para comunicar também outras dificuldades e dúvidas. Ele nos respondeu com uma carta muito bonita e muito importante. Corrigiu falsas interpretações a seu respeito e nos deu conselhos e reflexões que serviram muito. A carta foi lida em todos os grupos. Animou muita gente. Foi no ano 57 d.C. que nos escreveu,

quando estava em Corinto, acompanhando as comunidades de lá. Na carta ele nos disse claramente que nenhuma lei pode salvar, por melhor que seja, nem mesmo as leis judaicas. Só Deus Pai pode salvar e Ele salva a todos gratuitamente, através de Jesus Cristo. Mas para que essa salvação se torne efetiva. Ele pede uma condição: acreditar em Jesus Cristo, tornar-se seu discípulo e entrar de cheio na luta pela construção do Reino de Deus, que é o Reino da liberdade, do perdão, da vida para todos.

Paulo nos deu também conselhos importantes sobre o nosso relacionamento com as autoridades do império (Rom 13,1-8). De fato a situação estava difícil. O imperador era Nero, homem perverso e violento. As outras autoridades mandavam e desmandavam de acordo com o seu gosto. A repressão às vezes baixava em cima de nós. A polícia era muito violenta com a massa dos escravos e dos pobres. Não dava para ficar calado. Muitos nas comunidades queriam romper com as autoridades e negar a validade de qualquer autoridade. A coisa era séria e as opiniões eram diferentes. Paulo nos deu o seu ponto de vista que achamos importante.

Primeiro, ele nos lembrou que a autoridade é necessária para a organização da sociedade. Segundo, ele nos disse que nenhuma autoridade é absoluta. Só Deus é o único Senhor e juiz dos homens. Portanto as leis também são relativas e não podem ser usadas para dominar e oprimir. Terceiro, a autoridade é instrumento de Deus e

sua função é servir ao povo, promovendo a justiça, zelando pelo direito e impedindo abusos. Quarto, dentro desta visão, Paulo nos convida a obedecer às autoridades. Vimos nisso a preocupação de Paulo em evitar um confronto direto entre nós e o poder romano. De fato teria sido um suicídio para nós todos. A questão ficou em aberto, para ser analisada de acordo com o desenvolver dos acontecimentos. Mas foi muito bom Paulo ter dito tudo isso. Que não estava certo obedecer a certas leis, o mesmo Paulo nos deu um valioso testemunho, quando acabou sendo preso e morto pelo mesmo império romano.

4. OS APÓSTOLOS PEDRO E PAULO NAS NOSSAS COMUNIDADES

Ficamos muito felizes, quando Paulo nos comunicou sua intenção de nos visitar (Rom 15,22-23). Essa visita só aconteceu 4 anos mais tarde. Paulo chegou em Roma no ano 61, mas ele

vinha como prisioneiro. Preso em Jerusalém, ele apelou para ser julgado em Roma, como lhe dava direito sua condição de cidadão romano (Atos 25,10-12). Chegou depois de uma longa e perigosa viagem de navio. Alguns dos nossos irmãos foram recebê-lo no caminho, a uns 40 Km de Roma. Foi um encontro comovente (At 28,13-16).

Paulo passou dois anos em Roma como prisioneiro. Beneficiando-se do tratamento especial reservado a todo cidadão romano preso, ele pôde morar numa casa, sob liberdade vigiada por um soldado romano e com o braço direito sempre amarrado a uma corrente. Ele fez questão de viver do seu próprio trabalho. Recebia a todos os que o procuravam e pregava o Reino de Deus. Com muita coragem, ele ensinava as coisas que se referiam ao Senhor Jesus Cristo (Atos 28,30-31).

Sua presença marcou muita a vida das nossas comunidades. Era o nosso conselheiro em muitas situações. Posto em liberdade por falta de provas se despediu de nós e foi visitar as comunidades espalhadas pela Ásia Menor e pela Grécia.

No entanto acabava de chegar em Roma o apóstolo Pedro, cuja vida já tínhamos ouvido falar bastante, através de irmãos que o conheciam. Ele chegou acompanhado de Silvano, antigo companheiro de Paulo, e verdadeiro irmão fiel nas lutas e nos momentos difíceis (1 Pedro 5,12). Junto veio também Marcos, que

ele considerava como filho (1 Pedro 5,13). A chegada desses três apóstolos foi para nós uma bênção de Deus. Nos ajudavam muito na nossa caminhada. Participavam de tudo da nossa vida de comunidade.

5. AMEAÇAS, PERSEGUIÇÕES, CONFLITOS.

A situação em Roma estava cada vez mais difícil do nosso lado. A nossa proposta de vida, baseada no Evangelho de Jesus, era totalmente oposta ao império. Suspeitas, ameaças, desconfianças se levantavam contra nós. No ano 64 o imperador Nero, para se desculpar de vários seus crimes, entre os quais um incêndio provocado por ele num grande bairro popular de Roma, declarou perseguição aberta contra nós cristãos. Foram momentos muito duros. Era proibido ser cristão. Ser discípulo de Jesus significava ser candidato ao martírio.

Nessa época em Roma éramos mais de 2.000 cristãos, organizados em várias pequenas comunidades. Dezenas de nossos irmãos foram torturados e mortos. Entre eles o caríssimo apóstolo Pedro. Pouco tempo antes ele tinha escrito uma carta, que revela bem a situação.

Pedro fez aquela carta para os irmãos na fé, que viviam dispersos como estrangeiros pelas regiões do império, sobretudo da Ásia Menor (1 Pedro 1,17). Eram cristãos migrantes que viviam fora da própria terra, uns por causa das perseguições, outros em busca de trabalho para sobreviver e outros obrigados, como escravos, a seguir seus novos senhores. Eram irmãos humilhados, injuriados, sofridos.

Pedro, depois de convidá-los a viver firmes e unidos, na expectativa de um próximo fim do mundo, terminava a carta chamando Roma, de onde estava escrevendo, de Babilônia. Babilônia para nós é o símbolo da opressão maldita, do poder repressor, das forças do mal e da morte (1 Pd 5,13).

Isso dá para entender o clima que estávamos vivendo em Roma. Não havia mais dúvida da maldade do sistema do império romano. Pouco tempo depois Pedro foi preso e crucificado junto com outros irmãos.

Dois anos mais tarde a mesma coisa aconteceu com o apóstolo Paulo. Ele foi preso violentamente pela polícia do império romano no caminho de Filipos para Efeso, quando ele estava visitando aquelas comunidades da Ásia Menor e da Grécia. A prisão foi tão rápida, que nem teve tempo de recolher sua modesta bagagem, os livros e a capa de frio (2 Timóteo 4,13).

Levado imediatamente para Efeso, onde foram recolhidos os primeiros dados do processo contra ele, foi daí, embarcado para Roma. E aqui chegou como um perigoso prisioneiro qualquer, sem mais os privilégios de um cidadão romano. Os tempos estavam mudados.

Em uma carta escrita da prisão de Roma ao amigo Timóteo no final do ano 66, ele delatava bem a situação das comunidades em Roma. Sim, a situação não estava boa. As torturas, as mortes metiam medo. Nem todos agüentaram. Paulo confessa na sua carta que se sentia só. Muitos o abandonaram por covardia. Outros ele enviou em missão. Ninguém o defendeu no tribunal. Sentia que seus dias estavam contados (2 Tim 4,6-16).

Na primavera do ano 67 ele foi decapitado pela espada de um soldado do império romano. O clima era mesmo de perseguição. Muitos testemunharam a fidelidade a Jesus e ao Reino até com a morte, outros fugiram.

Em 68 o imperador Nero se suicidou. Houve uma verdadeira anarquia em Roma. As brigas sangrentas entre os que lutavam pelo trono imperial provocavam abusos, vinganças, fome, misérias, abandono, insegurança, medo. Nós cristãos vivíamos continuamente sob suspeitas. Para qualquer agitação que havia em Roma, nós éramos sempre acusados.

Além disso, notícias tristes chegavam de Jerusalém, que nos tocaram bastante. Afinal tínhamos muita coisa em comum com a religião judaica e também em Jerusalém havia comunidades cristãs. O que estava acontecendo lá era guerra aberta entre os judeus, liderados pelos guerrilheiros Zelotas, e o império romano. Uma luta desigual.

Em agosto do ano 70 o general Tito, filho do imperador Vespasiano, entrou vencedor em Jerusalém. A vingança foi terrível. Saqueou tudo o que podia, arrasou a cidade, matou milhares de pessoas. Os sobreviventes foram vendidos como escravos. 700 jovens combatentes, escolhidos entre os mais fortes, foram trazidos para Roma para participar, como vencidos, ao desfile em honra de Tito, o general vitorioso. Depois do desfile, aqueles 700 jovens combatentes foram mortos ou vendidos como escravos. Nós que estávamos em Roma vimos tudo aquilo. Ficamos muito abalados. Parecia ter chegado o fim do mundo.

Sim, esses fatos e o clima de perseguição mexeram muito na vida das comunidades. Muitos continuavam firmes, dando testemunho corajoso e firme. Mas havia também medo, insegurança e dúvidas sobre o futuro. Sentia-se a necessidade de motivar e fortalecer a caminhada. Era preciso responder a tantos gritos. Era preciso, sobretudo iluminar nossa situação com a vida e a prática de Jesus, para que Ele fosse realmente o critério último e decisivo nessa hora tão dura. Era tempo de meditar, rezar, pensar melhor sobre o sentido do nosso ser discípulo de Jesus, para depois tomar decisões mais claras, mais convencidas, mais conscientes.

Foi por isso e por sugestão das comunidades, que começamos juntar panfletos, apostilas sobre a vida de Jesus, em circulação nas comunidades. Aproveitamos bastante o testemunho e a pregação de Pedro e de Marcos e arrumamos tudo num livrinho com a finalidade de responder aos desafios do momento presente.

COMO FOI SURGINDO O NOSSO LIVRINHO DA BOA NOTÍCIA DE JESUS



Queremos mais uma vez dizer que o livrinho não nasceu do nada. Não foi produção exclusivamente nossa. Ele foi nascendo aos poucos, aos pedaços, dentro das nossas comunidades. Achamos importante lembrar isso, para mostrar que o livrinho nasceu da vida, da fé viva em Jesus Cristo das nossas comunidades. Aqui vai agora um pouco mais detalhada a história da aparição do livrinho.

A realidade, os conflitos, os desafios que apareciam ao longo da caminhada foram provocando reflexões. Tudo era visto à luz da pessoa de Jesus e da sua prática. A memória de Jesus era atualizada nas situações que nossos grupos iam encontrando.

Como fruto disso foram aparecendo panfletos e pequenos folhetos para gravar melhor a vida de Jesus. Estes folhetos se tornaram como esteios na caminhada. Circulavam nas comunidades. Eles não foram todos produzidos pelo mesmo grupo ou no mesmo tempo. Muitos contribuíram na composição desses folhetos: grupos, homens, mulheres, crianças, escravos, livres, responsáveis de comunidades, simples participantes. Em todos, porém havia uma mesma preocupação: buscar inspiração, luzes e força na vida e na prática de Jesus. Quando se juntavam dois ou mais folhetos, aí se faziam apostilas mais elaboradas. Uns juntavam ditos de Jesus, outros os milagres de Jesus, outros ainda elaboraram uma apostila sobre a paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Veja alguns exemplos de como foram surgindo os folhetos.

2. ALGUNS EXEMPLOS

A. Quando, sobretudo no começo, vários pagãos pediam para entrar nas comunidades para se tornar discípulos de Jesus, houve problemas sérios. Alguns cristãos de origem judaica queriam que todo mundo continuasse a praticar as leis judaicas, como a circuncisão, ritos e costumes. Isso era impossível. Era como engolir o novo dentro do velho.

Que fazer? Quais teriam sido as atitudes de Jesus em casos parecidos? Foi aí que alguns lembraram dos choques freqüentes de Jesus com os fariseus e doutores da lei, assim como os apóstolos sempre contavam. Como por exemplo, quando Jesus condenou duramente os judeus do seu tempo, tão amarrados às leis antigas, até ao ponto de dizer: "Hipócritas! Vocês são bastante

espertos para deixar de lado o mandamento de Deus a fim de guardar as tradições

de vocês... Vocês esvaziam a Palavra de Deus com a tradição que vocês transmitem. E vocês fazem muitas outras coisas como essas" (7,6-13).

Essas atitudes de Jesus nos ajudaram muito a seguir adiante no caminho do Evangelho, desamarrando-nos cada vez mais de todas as leis e tradições que empataavam o caminho.

B. Em Roma, com uma certa frequência, por causa da insensibilidade das autoridades, faltavam alimentos para o povo. Às vezes os alimentos ficavam armazenados devido à ganância de uma minoria. O povo, empurrado pela fome, saqueava armazéns públicos e mercados. Isso dava muita repercussão. Muitas das nossas comunidades metiam-se também nos saques. Outros, porém não estavam muitos de acordo. Como tirar as dúvidas?

Foi bom aí alguém lembrar o fato de Jesus, quando apoiou os discípulos colhendo espigas num campo de trigo em dia de sábado, por causa da fome. Jesus defendeu os discípulos da acusação dos fariseus, dizendo bem claro: a vida das pessoas é mais importante de que qualquer lei (2,27).

C. Outra vez, em outra comunidade, surgiu um problema sério: vários jovens pagãos pediam para entrar nas comunidades, mas os pais deles não queriam de jeito nenhum. Uns achavam nossa maneira de viver muito esquisita, outros até que admiravam, mas diziam que era muito perigoso. Podia dar repressão a qualquer momento.

Que fazer? Que dizer? Aí alguém ia se lembrando das famosas palavras de Jesus, quando dizia: Quem é minha mãe? Quem são meus irmãos? Quem faz a vontade do Pai, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe (3,33-35).

Jesus assim apresentava um novo tipo de família com laços mais importantes de que os próprios laços de sangue. Jesus mesmo teve que enfrentar a oposição dos seus parentes. Foi tachado até de louco por eles (3,21)

D. A grande maioria dos membros das nossas comunidades eram pobres, escravos, gente marginalizada. Havia também

peleiros de melhores condições de vida, eles também atraídos pela mensagem de

Jesus. Essas diferentes condições de vida às vezes criavam tensões e conflitos dentro da comunidade.

Também nesse caso que fazer? Passar por cima de tudo isso? Como sempre, quando os problemas apertam, a memória acorda. A gente lembrava muito que os apóstolos sempre nos diziam. Nesse caso lembramos do famoso encontro de Jesus com aquele homem rico. Ele era uma pessoa que observava fielmente as leis. Era, portanto uma pessoa considerada honesta e estimada. Procurou Jesus, pedindo luzes sobre a sua vida. Foi aí que Jesus o convidou a partilhar os seus bens, para poder ser seu discípulo. O homem se recusou e foi embora. Jesus ficou triste e afirmou que quem não sabe partilhar seus bens, não pode ser seu discípulo e nem pode entrar no Reino de Deus. Os mesmos apóstolos ficaram impressionados com essa exigência de Jesus (10,17-31). Parecia que também eles, apesar de pobres, tinham cabeça de rico.

E. Esses e outros ditos e fatos da vida de Jesus passaram a fazer parte da memória viva de Jesus. Para não esquecer, alguém mais estudado escrevia tudo isso. Esses pequenos folhetos circulavam pelas comunidades e serviam de orientação nos momentos de discernimentos e decisões. Eram realmente de grande ajuda.

Dá pra ver que o nosso livrinho é fruto de uma longa caminhada. É realmente obra coletiva. Muita gente mexeu e ajudou.

Mas já pelo ano 70 a realidade em Roma e a situação das nossas comunidades eram tão difíceis e confusas, que se sentiu a necessidade de ver mais claro ainda o sentido e as conseqüências da nossa fidelidade a Jesus Cristo. Mais do que nunca era preciso, como sempre nos lembrava o apóstolo Pedro, "estar sempre prontos a dar a razão de nossa esperança" (1 Pedro 3,15).

Nasceu assim a sugestão de formar um pequeno grupo para fazer uma avaliação detalhada da caminhada, para ver melhor os desafios e os apelos de Deus e quais passos dar. Sentiu-se também a necessidade de juntar e organizar melhor as apostilas já em circulação nas comunidades e aprofundar mais a vida de Jesus, levando sempre em conta a situação concreta das comunidades.

Marcos fazia parte do grupo. Foi muito importante a sua presença, pela experiência direta que ele teve com Jesus e por

ter sido companheiro de Paulo e de Pedro na fundação e no acompanhamento de

várias comunidades (14,51-51; Atos 12,12); Coloss. 4,10; 2 Tim 4,11). Ajudou muito para sermos fiéis a memória verdadeira de Jesus.

Ouvíamos muitas sugestões das comunidades. Nos reunimos com uma certa frequência, procurando sempre ligar as situações concretas com a vida de Jesus. Nosso grande desejo era mesmo que a vida e a prática de Jesus fossem a palavra última e mais importante para ajudar na caminhada.

Nos reunimos em casas de irmãos, às vezes com risco de perseguições e de vida. Eram reuniões feitas em clima de oração e com muita abertura à presença do Espírito Santo. Havia muita partilha de vida. As situações de conflito e de perseguição nos uniam mais ainda. Sentíamos de perto a presença viva e estimuladora de Jesus Cristo.

DA REDAÇÃO DO LIVRINHO



Para compreender melhor a intenção da redação final do livrinho, queremos lembrar

mais um pouco alguns problemas que estavam se passando nas comunidades, no momento que resolvemos escrever o livrinho. Queremos partilhar também as luzes que íamos encontrando, inspirados na memória viva de Jesus. Resolvemos colocar essas luzes, tiradas da vida de Jesus no livrinho, pois esse era o pedido das comunidades.

Nas nossas comunidades havia fatos, acontecimentos, pessoas que davam muita esperança e alegria. Havia tantos sinais concretos que mostravam o avanço do Reino. A fidelidade firme e confiante no seguimento de Jesus marcava a vida de muitos irmãos. A luta p3la defesa firme do direito dos pobres animava a nossa caminhada. O testemunho de tantos companheiros estimulava a todos.

No meio de tudo isso havia também tensões, conflitos, ambigüidades. Era, sobretudo em relação, a essas situações que buscávamos luzes na vida de Jesus Cristo. Apesar das nossas fragilidades, queríamos ser seguidores de Jesus Cristo dentro dessas situações concretas.

Eis aqui alguns casos de conflitos externos e internos, a partir dos quais buscávamos luzes na vida de Jesus Cristo.

I. CONFLITOS EXTERNOS

A. Em Roma havia um grupo de famílias nobres e de generais que dominavam tudo. Por um motivo ou outro estavam ligados à corte imperial. Sobretudo alguns deles eram verdadeiros tiranos e exploradores do povo. Do outro lado havia uma grande massa de pobres, de escravos, de dependentes, obrigados a viver na submissão dura. Constantemente essa situação era levantada nas nossas reuniões e celebrações, para ver qual deveria ser nossa atitude e compromisso.

Nesses casos a gente sempre ss perguntava: qual teria sido a atitude de Jesus? De que lado teria ficado? Os apóstolos sempre nos contavam muitos fatos de Jesus sobre esse assunto. Realmente Jesus nunca simpatizou com os dominadores do povo. Nunca se deixou enrolar pela conversa bonita deles. Nunca fez aliança com Herodes, com Pilatos ou com os sumos sacerdotes. Pelo contrário, sempre foi duro com eles (12,38-40). Certa vez os acusou de

abuso de poder (10,42) e aproveitou a ocasião pra dizer que ele não veio para ser

servido, como faziam os donos do povo, mas para servir. E ele não veio para qualquer serviço, e sim para um serviço capaz de resgatar a vida e a liberdade do povo (10,42-45). Essas palavras de Jesus nos motivaram muito para não compactuar com o poder do mal, que dominava em Roma.

B. Na medida em que as nossas comunidades buscavam ser fiéis a Jesus, as incompreensões e perseguições eram freqüentes? Realmente era impossível ser discípulo de Jesus sem correr perigo de perseguições.

Que fazer diante disso? Fugir? Entrar em acordo com os que oprimiam? Resistir arriscando até a vida? Expulsar das comunidades os que não eram firmes? Saíam várias opiniões.

Nas celebrações sempre lembrávamos de Jesus, tão duramente ameaçado e perseguido desde o começo (3,6). De fato os chefes dos judeus nunca deram sossego a Jesus (12,12; 14,1-2). Nas horas mais difíceis lembrávamos sempre a coragem e a firmeza de Jesus ao enfrentar os chefes e os sumos sacerdotes (11,27-33). Ao mesmo tempo Jesus nunca maltratou ou faltou de compreensão para os que erravam (14,26-31).

C. Em Roma havia uma minoria de famílias ricas ligadas ao poder e ao latifúndio, que viviam sempre banqueteadando nos seus grandes palácios e jardins. Era um banquete atrás do outro. Nesses banquetes muitas vezes havia violências ou se decidia a morte de alguém.

Eram banquetes de morte, enquanto que nas ruas, nos mercados, nas periferias havia multidões de povo passando fome. Muitos irmãos das nossas comunidades estavam nessa situação. Um verdadeiro insulto. Muitos condenavam aquilo, muitos outros diziam que era isso mesmo e que não havia jeito.

Nas comunidades essa realidade era lembrada, sobretudo por irmãos que passavam a mesma necessidade ou que viviam mais perto do povo faminto. Não dava para entender e nem para combinar. Sobretudo nas nossas celebrações eucarísticas, feitas nas casas de irmãos e de maneira muito reservada, para evitar as suspeitas da polícia, nós ligávamos essa situação com fatos e atitudes de Jesus.

Lembrávamos muito que os apóstolos nos diriam sobre o famoso fato da

multiplicação dos pães. Enquanto Herodes, com os grandes da Galiléia vivia banquetando em seu palácio e decidindo aí até a morte de João o Batista (6,14-29), Jesus vivia no meio do povo faminto, abandonado, esquecido.

O povo vivia como ovelhas sem pastor. Os que deviam ser pastores, se tomaram carrascos e estavam lá, na casa de Herodes, esbanjando e humilhando. Ao contrário, Jesus no meio do povo ensinava as coisas do Pai, a mensagem do Reino animando, conscientizando, agindo, mostrando novos caminhos. Foi durante um desses encontros com a multidão faminta, que Jesus provocou o milagre da multiplicação dos pães.

Jesus fez aquilo envolvendo a participação do povo. Foi o milagre da partilha e da solidariedade. Foi um grande mutirão em favor da vida de todos. Isso aconteceu num lugar aberto para todos, e não num palácio cercado por muros e vigiado por polícias. Nós víamos naquela ação de Jesus uma denúncia corajosa contra a acumulação e os banquetes injustos de uma minoria. Víamos também como era possível resolver a fome do povo: na base da partilha dos bens. Jesus nunca combinou com um sistema que provocava a fome do povo (6,34-44).

Os apóstolos contavam que custou muito entender aquilo, porque tinham ainda a cabeça amarrada à ideologia e ao sistema do lucro e da acumulação (6,52). Foi preciso Jesus chamar duramente a atenção, quando ele disse: "Cuidado com a ideologia dos fariseus e de Herodes. Procurem entender e enxergar o sentido da multiplicação dos pães" (8,14-21).

Esse exemplo de Jesus dava muita força à vida de partilha que praticávamos nas comunidades e com o povo pobre. Nos motivava também a denunciar a situação de fome que havia em Roma. Enquanto uma minoria esbanjava, mais de 200.000 pessoas viviam na fome permanente. Para evitar revoltas, o império passava alimentação pra eles, colocando-os assim numa situação de dependência e marginalização. O exemplo de Jesus nos ajudava também a ter uma consciência acordada e a não engolir a maldade do império.

D. Roma era uma cidade grande, onde havia gente de todas as nações e religiões. A quase totalidade era pagã. Havia um bom grupo de judeus, vindos de outras regiões. Nas comunidades

éramos apenas uma minoria. Os judeus tinham um certo desprezo pelos pagãos.

Vários cristãos vindos do judaísmo mostravam o mesmo desprezo. Com a influência deles, havia o perigo das nossas comunidades se fecharem diante dos pagãos ou o perigo de tratá-los com desprezo.

Também aqui que fazer? Deixar de levar a Boa Notícia de Jesus aos pagãos? Ficar só com os judeus? Exigir coisas demais dos pagãos?

Como sempre, a lembrança da memória viva de Jesus abria caminho. Os apóstolos sempre nos lembravam que Jesus começou seu trabalho de evangelização na Galiléia, terra considerada pagã (1,14). Ele fez milagre em terra pagã (5,1-20; 8,1-9). Nos impressionava bastante o fato de que Jesus certa vez se deixou questionar até por uma mulher pagã (7,24-30). Então, de acordo com o exemplo de Jesus, não estavam certas as barreiras e os preconceitos em relação aos pagãos. Era assim que a gente ia buscando saídas na hora da dúvida.

E. Como já dissemos, a situação em Roma estava tão dura do lado dos pobres e dos marginalizados, que tudo parecia dominado pelas forças do mal. Além disso, havia ódio, vinganças, mortes. O demônio parecia estar solto em Roma. Aliás, pra ser sincero, o império romano nos parecia o império do demônio, que oprimia e escravizava. Não queremos negar as coisas grandes e bonitas que havia em Roma, mas a organização social era injusta demais.

Como se posicionar frente a essas forças do mal? Como agir? Esse demônio do império estava perseguindo também as nossas comunidades. Que fazer?

Mais uma vez, a referência à vida e à prática de Jesus tirava dúvidas e clareava o caminho. O apóstolo Pedro e outros missionários sempre falavam das lutas que Jesus enfrentava com os demônios e os espíritos impuros do seu tempo, na Palestina. O demônio estava solto também lá, até nas sinagogas (1,13-28). Também Jesus via os demônios como as forças do mal, que dominavam e impediam as pessoas serem livres de verdade. Contavam os apóstolos que Jesus nunca ficou calado diante dos demônios. Pelo contrário, expulsava-os de qualquer jeito (1,32-34; 5,6-10; 7,29-30; 9,25-27). Na luta contra satanás, Jesus sempre foi firme e vitorioso, desde o começo (1,13).

Quando Jesus escolheu alguns discípulos e os mandou em missão, pediu a eles

expressamente de expulsar os demônios (6,7-13), quer dizer de lutar contra as forças do mal que dominam e estragam a vida das pessoas e da sociedade.

Assim Jesus nos deixou claro que o demônio é o símbolo de todas as forças que querem impedir o avanço do Reino de Deus no coração das pessoas e da sociedade. Certa vez ele disse abertamente que sem oração, sem a união íntima com o Pai, nunca conseguiríamos expulsar sobretudo certa espécie de demônios (9,29).

A gente percebia que a memória viva de Jesus e da sua prática nos acordava muito. Nos metia com mais força na luta. Nos ajudava a discernir. Por isso que nas nossas celebrações e reuniões sempre se faz a memória viva de Jesus, contada ao vivo por alguns membros das comunidades ou lida nas apostilas.

2. CONFLITOS INTERNOS

Esses e mais outros conflitos externos repercutiam na vida das nossas comunidades, criando às vezes outros conflitos mais internos à vida de comunidade. Eis aqui alguns conflitos tipicamente internos:

A arrogância e a prepotência das forças do mal pareciam querer esmagar as comunidades e a resistência dos pobres. Afinal as comunidades eram um pouquinho de nada.

Diante de mais de um milhão de pessoas que havia em Roma, diante das forças poderosas do império, quem éramos nós? Só umas centenas de cristãos, sem poder, sem proteção, sem defesa.

B. Muitos membros das comunidades se perguntavam: será que nossas comunidades têm futuro? Será que vamos sobreviver ainda muito tempo? Cadê todas as promessas e palavras bonitas de Jesus? Será que ele esqueceu de nós?

Às vezes nossos grupos davam a impressão de serem como um barquinho entregue à fúria devastadora de um mar em tempestade. Muitos andavam desanimados e perdidos.

Como era bom nesses momentos duros lembrar fatos e ditos **da** vida de Jesus, que Pedro, Marcos e outros irmãos contavam nas nossas celebrações. Por exemplo, aquele fato ocorrido durante uma travessia de barco no mar da Galiléia.

No barco estavam Jesus e alguns discípulos. Jesus, cansado começou a dormir.

De repente, levantou-se uma tempestade tão forte, que o barco corria perigo de afundar. E Jesus dormindo tranquilamente. Foi preciso acordar ele e pedir o seu socorro. Jesus se levantou, parou a tempestade com firmeza e depois censurou o medo e a pouca fé dos discípulos (4,35-41). Eles contavam que só muito depois, nos momentos de perseguição, vieram entender o sentido daquele fato.

Nós também viemos entender aquilo a partir da nossa realidade dura de Roma. O mar é o símbolo de todo mal e o grande mal para nós naquele momento era, sobretudo as forças dominadoras do império. A presença viva de Jesus, nossa fidelidade a ele, eram para nós uma força grande para enfrentar a fúria devastadora de todo mal.

Sobre esse assunto, outros grupos lembravam uma famosa parábola de Jesus, quando comparou o Reino de Deus a um lavrador que plantou sementes e depois foi para casa tranquilo. A semente começou a brotar a crescer, sem precisar da presença contínua do lavrador no campo, de dia e de noite (4,26-19).

Lembravam também aquela outra parábola da semente pequenina, plantada perto da casa para produzir tempero para a comida. Com o tempo ela se torna árvore grande, capaz de abrigar muitos ninhos de passarinhos (4,30-32).

Todas essas comparações caíam na hora certa em nossas comunidades. Era a Palavra de Jesus, que nos convidava a não ficar angustiados e a continuar firme na caminhada do Reino no meio dos escravos, dos pequenos.

Jesus nos dava essa certeza: a caminhada tem futuro. O Reino vai crescer, porque Deus garante. E esse Reino vai abrigar e defender e proteger a vida de muita gente. Nenhuma força do mal, nenhum império iria impedir a caminhada do Evangelho de Jesus.

C. Outro assunto que às vezes criava tensão dentro das comunidades era a presença de mulheres em serviços de liderança.

De fato na sociedade pagã e no ambiente judaico, a mulher tinha quase nenhum peso. Ela servia só para criar menino ou para atender aos caprichos dos homens. Sua voz não era ouvida na hora das decisões. Em família o chefe mesmo era o marido e lá fora ela nem podia servir de testemunha.

Ao contrário, em nossas comunidades, graças à novidade do Evangelho de Jesus,

havia mulheres corajosas e firmes, assumindo cada vez mais serviços importantes. Havia até mulheres apóstolas, como o caso de Junia (Rom 16,6). Recebíamos visitas de mulheres com cargos importantes, como a diaconisa Febe da comunidade de Cencreia perto de Corinto na Grécia (Rom 16,1).

Jesus valorizou muito a oferta da viúva pobre, desafiando os ricos e os donos do Templo e desmascarando a avareza deles (12,41-44).

Os mesmos apóstolos contavam que houve um grupo de mulheres que se tornaram discípulas de Jesus e o seguiam juntas com eles.

Outra coisa que nos tocava bastante era saber que na hora da paixão e da agonia de Jesus, somente elas tiveram a coragem de acompanhá-lo (15/40-41; 15>47). E foram ainda elas as primeiras testemunhas da ressurreição de Jesus (16,1-11).

Então — diziam as mulheres das comunidades — porque essa discriminação agora? Isso não combina com o projeto de Jesus.

Foi muito importante a participação ativa das mulheres nesse assunto. Ajudou a denunciar preconceitos e a vencer o desprezo sobre a mulher, tão comum na sociedade em que vivíamos.

Mas nem todos nas comunidades combinavam com isso. A experiência do passado marcava muito. Havia desconfianças, suspeitas e até calúnias. Uns achavam que mulher dentro da comunidade tinha que ser tratada como lá fora na sociedade. Bastante discussão em cima disso.

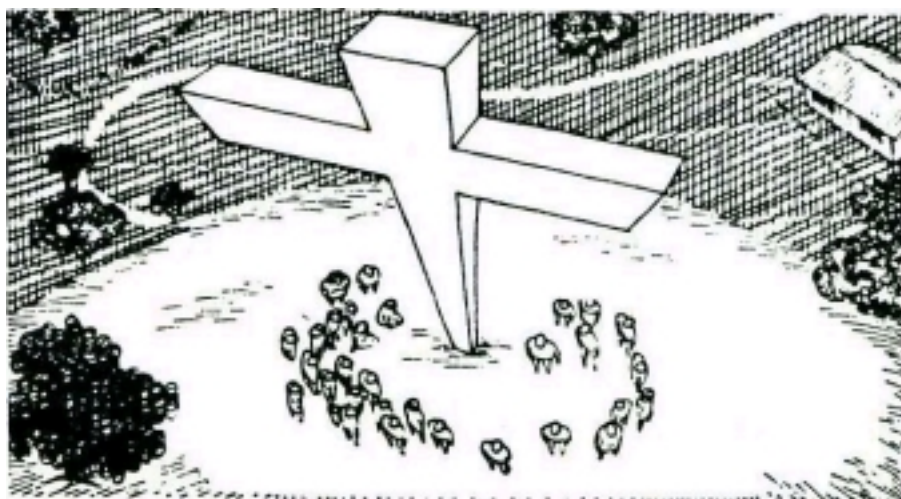
As mulheres das comunidades defendiam com coragem relações de igualdade e dignidade. Os apóstolos e muitos outros membros apoiavam isso. Mas também aqui a última palavra era com a pessoa e a prática de Jesus. E Jesus sempre deu muita atenção e valor às mulheres, sobretudo às mais marginalizadas.

De fato Jesus curou a sogra de Pedro (1,29-31). Curou outra mulher, humilhada e tachada de impura por causa da sua doença (5,25-34). Essas curas não só devolviam a saúde física, mas também a dignidade delas. Jesus se deixou até questionar pela fé de uma mulher pagã (7,24-30), fato inadmissível pela mentalidade dos homens.

D. Esses são alguns conflitos, externos e internos, que sempre apareciam ao longo

da caminhada nas comunidades. Havia também outros. Eles provam que nem tudo foi fácil e claro na Caminhada. Jesus não deixou nenhuma lei escrita. Nós mesmos tínhamos que criar nossa maneira de ser fiéis a Jesus, dentro das situações concretas que estávamos vivendo. Isso não quer dizer copiar tudo no pé da letra o que Jesus disse e fez. O que nós queríamos era mesmo orientar a nossa vida de acordo com as mesmas atitudes de Jesus.

Esses conflitos e as respostas que se buscava dar nas comunidades, são mais uma prova que o livrinho é fruto de um grande mutirão onde muita gente participou. Para evitar falsas interpretações da vida de Jesus, sempre fazíamos referência ao testemunho e à pregação dos apóstolos.



Acabamos de dizer que o livrinho não foi obra exclusiva nossa. E é verdade. Nós aproveitamos o que se dizia sobre Jesus e, sobretudo o testemunho de tantos irmãos

que buscavam ser fiéis seguidores de Jesus Cristo.

É claro, porém que, ao organizar e escrever de maneira definitiva o livrinho, tínhamos nós também algumas preocupações e objetivos. Eles foram escolhidos, escutando os anseios e os questionamentos das comunidades. Esses objetivos estavam marcados pelo momento atual vivido nas comunidades. Não saíram só das nossas cabeças. Afinal nós também estávamos bem engajados nas comunidades. Não éramos um grupo extra, metidos a doutor, como os escribas no tempo de Jesus. Nós também, do grupo de redação, buscávamos ser seguidores de Jesus, dentro das situações concretas da vida.

Quando, com o estímulo e o apoio das comunidades, nos pusemos a redigir o livrinho, além dos problemas citados antes, havia outros também.

Por exemplo, preocupava bastante certas opiniões sobre Jesus. Eram opiniões que circulavam nas comunidades e que não estavam bem de acordo com os ensinamentos dos apóstolos e das testemunhas diretas de Jesus.

Alguns diziam: Jesus é o Filho de Deus Altíssimo, Jesus é o Todo Poderoso, o grande triunfador. Só Ele podia fazer o que fez. Só Ele podia ter tanta coragem porque Ele é o Filho de Deus. Nós ao contrário somos pobres pecadores. Não dá pra seguir de cheio a prática de Jesus. É melhor se entregar a Ele e Ele nos perdoará.

Outros pensavam num retorno glorioso, triunfalista de Jesus, mais ou menos parecido com os grandes generais romanos vitoriosos, quando depois das vitórias sobre os inimigos, vinham a Roma para desfilar e serem aclamados pelo povo.

No fundo isso era também para se desculpar e se acomodar diante das dificuldades. Eram imagens parciais e reduzidas sobre Jesus.

Então nós, ao escrevermos o livrinho, levamos em conta essas situações e outras. Ouvíamos bastante as comunidades durante as celebrações e as reuniões. Em clima de oração e de abertura à presença do Espírito Santo, escolhemos dois grandes objetivos:

1. Quem é Jesus? Qual mesmo a sua vida concreta? Qual o seu projeto?

Quais as suas opções?

2. Que quer dizer acreditar em Jesus Cristo, aqui, em Roma, no meio de tantas dificuldades e perseguições?

Esses dois objetivos são como o FIO CONDUTOR DE TODO O LIVRINHO. Arrumamos e organizamos o livrinho para clarear e responder a esses dois objetivos. Nos pareciam os mais importantes no momento atual da nossa caminhada. Todo o resto viria como consequência. É claro que organizamos tudo isso, baseados sempre no testemunho e nos depoimentos dos que conheceram mais de perto Jesus.

I. QUEM Ê JESUS

A. Uma pergunta na boca de muitos

Essa pergunta não era nova. Também no tempo de Jesus, muitos, **ao** verem sua prática, se perguntavam com insistência:

Quem é esse Jesus de Nazaré, que ensina com autoridade e manda até nos demônios? (1,27).

Quem é esse Jesus, que toca pessoas impuras, como o leproso curando-o, contrariando as leis antigas? (1,45).

Quem é esse Jesus, que cura um paralítico e perdoa os pecados? Pois nunca vimos coisa igual (2,10-12).

Quem é esse Jesus, a quem até o vento e o mar obedecem? Pois nunca se tinha visto isso (4,41).

Quem é esse Jesus, que se proclama Senhor do sábado, afirmando que a vida e o bem das pessoas estão acima de qualquer lei? (2,27-28).

Quem é esse Jesus, que de propósito faz questão de contrariar as leis, curando em dia de sábado? (1,21-28; 3,1-6).

Quem é esse Jesus, que expulsa demônios? (1,34).

Quem é esse Jesus, que dá mais importância à saúde e à liberdade de uma pessoa do que a 2.000 porcos? (5,1-20).

Quem é esse Jesus, que expulsa demônios, que ressuscita mortos (5,42-43), que mata a fome do povo multiplicando a comida? (6,34-44).

Quem é esse Jesus, que faz surdos ouvir, os mudos falar (7,37) e os cegos enxergar (8,22-26; 10,46-52).

Quem é esse Jesus, que chama alguns a segui-lo (1,16-20) e que dá a eles o poder de expulsar demônios e curar enfermos? (6,7-13).

Quem é esse Jesus, que interpreta com liberdade e com tanta autoridade as leis e a Palavra de Deus? (8,1-9; 3,1-6; 7,1-13).

B. Muitas opiniões diferentes

Essas e outras perguntas circulavam nas rodas do povo, nas casas dos pobres e até nos palácios. Jesus era a pessoa mais procurada, mais falada e mais comentada da Galiléia (1,45; 4,1-2; 6,30-31; 6,14).

Muitos procuravam interpretar a pessoa e a prática de Jesus. As opiniões eram diferentes.

Os doutores da lei diziam: ele blasfema contra Deus (2,6-7); ele é um bebedor e um comilão (2,16); ele anda com pescadores e cobradores de impostos (2,16); ele está possuído pelo demônio (3,22).

Os parentes de Jesus diziam: ele está louco. Perdeu o juízo (3,21).

Os seus conterrâneos diziam: de onde vem tudo isso? Onde foi que arranhou tanta sabedoria? Como consegue realizar milagres? Não é ele por acaso o carpinteiro Jesus, filho de Maria, um pobre coitado como nós? Então como é que agora dá umas de doutor? Será que não está nos enganando? (6,1-15).

Até o rei Herodes, tomado pelo medo, deu o seu palpite: ele é João Batista. Eu

mandei cortar a cabeça dele, mas ele ressuscitou (16,16).

O povo dizia: é João Batista que ressuscitou dos mortos; é o profeta Elias; é um profeta como os profetas antigos (6,14-15).

O povo em geral tinha grande admiração por Jesus (1,2 7-2; 8 1,45; 2,12; 4,41; 5,20; 7,37). Ao contrário, os chefes do povo, os sumos sacerdotes, os escribas faziam de tudo para desmoralizá-lo (12,13), para prendê-lo (3,6; 12,12; 14,1).

Também em Roma, muita gente ouvindo falar de nós e da nossa fé em Jesus Cristo, perguntavam: quem é esse Deus de vocês; Qual a especialidade dessa vossa divindade? Ele é um bom protetor? Onde fazem sacrifícios para ele? Onde está o templo dele?

Eles perguntavam assim, porque em Roma tem uma grande quantidade de divindades. Muitas delas são importadas da Grécia, outras do Oriente, outras do Egito. Roma está cheia de templos. Todo dia celebram-se muitos sacrifícios às divindades. Tem até um templo, onde estão exemplares de imagens de cada divindade cultuada nos imensos territórios do império. São quase 20.000 divindades.

Quando nós cristãos confessávamos que o nosso Deus foi um lavrador pobre e marginalizado da Galiléia zombavam de nós. Pior ainda, quando dizíamos que Jesus foi condenado e crucificado era um escândalo para os judeus e uma loucura perigosa para os pagãos (I Coríntios 1,16).

Por causa disso, vários membros das comunidades tinham medo e até vergonha de falar de Jesus ou falavam dele de outra maneira, como um rei, um general vitorioso e nada mais.

C. Jesus de Nazaré é o Cristo, o Messias sofredor.

O perigo era esquecer a vida concreta de Jesus, sua prática, suas opções. Com isso se desviava todo o sentido verdadeiro da fé em Jesus. As conseqüências eram graves. E nós víamos esse perigo. Portanto era preciso clarear. Era preciso revelar o verdadeiro rosto de Jesus.

Como fazer? Ouvíamos bastante os apóstolos e os que conheceram Jesus. Para

desfazer imagens erradas e para responder à situação dura das comunidades, lembrávamos muito um episódio fundamental na vida de Jesus.

Era o apóstolo Pedro que sempre nos contava. Foi quando Jesus convidou os primeiros apóstolos para uns dias de retiro na região de Cesaréia de Felipe, ao norte da Galiléia.

Lá Jesus, depois de ter perguntado o que é que o povo achava dele, levantou de novo a pergunta: "E vocês, que estão me seguindo faz bastante tempo, o que acham de mim?", Pedro nos dizia que foi um momento de muito silêncio. Depois ele, Pedro, dando uma olhada a sua vida e às expectativas do povo, disse: "Tu és o Cristo, o Messias" (8,27-29).

Foi realmente uma resposta inspirada por Deus, Era a primeira vez que alguém chamava diretamente Jesus de Messias. De fato a vida e a prática de Jesus encarnava a missão de Messias, assim como os profetas antigos falaram.

Jesus não negou que era o Messias, mas proibiu severamente aos discípulos que falassem a alguém desta revelação (8,30).

Para evitar qualquer mal entendimento sobre a sua maneira de ser Messias, começou a dizer que Ele, o filho do Homem, iria sofrer muito e seria rejeitado pelos chefes do povo (8,31). Isso também criou um impacto no meio dos apóstolos, até o ponto do mesmo Pedro tentar desviar de Jesus esse pensamento.

Jesus portanto fez questão de dizer que é um Messias diferente de como muita gente estava esperando. Havia muitas opiniões diferentes sobre o Messias. Todo mundo falava, mas cada um do seu jeito. Também os doutores da lei, os fariseus, os zelotes, os essênios, os seguidores de João Batista falavam da vinda de um Messias. Mas as opiniões não combinavam.

Jesus disse claramente que iria ser um MESSIAS SOFREDOR. A prática dele e as reações furiosas dos líderes do povo já estavam demonstrando isso (3,6).

Os apóstolos contavam que a partir daquele momento Jesus resolveu ir a Jerusalém. Jerusalém era a capital onde estavam o

templo e o Sinédrio, duas organizações que Jesus tanto criticava. Era um lugar muito conservador e fechado. O mesmo povo, que vivia do movimento do templo, ficava calado diante de tanta coisa errada.

Jesus, consciente do perigo que ia correr, foi. Foi para cumprir a missão do Pai, para anunciar o Reino, assumindo todas as conseqüências. Os apóstolos o seguiram, mas ainda sem muita clareza daquilo que iria acontecer.

O mesmo Pedro confessava pra nós, com muita humildade, que foi censurado duramente por Jesus. Pedro quis desviar Jesus do caminho da perseguição, da morte, da fidelidade ao Pai. Jesus foi muito duro com ele, chamando-o de satanás (8,33).

No caminho para Jerusalém, Jesus sempre falava da sua condenação e morte iminentes. Nem precisava ser adivinhão para prever isso. Mas os apóstolos não entenderam direitinho todo o alcance das palavras de Jesus. Eles mesmos confessavam que só depois da ressurreição vieram entender tudo aquilo (Atos 2,22-24.36).

Nós cristãos que moramos em Roma achamos muito importante a revelação de Jesus como Messias sofredor. Também a insistência de Jesus que a vitória passa pelo caminho da cruz é importante.

De fato nossa situação era e é de sofrimento, de perseguição, de resistência teimosa e tudo isso por causa da nossa fidelidade a Jesus Cristo.

Como sempre nos lembrava o apóstolo Pedro, mais do que nunca o nosso tempo era o tempo em que devíamos dar a razão da nossa esperança (1 Pedro 3,15).

Isso não era e não é fácil. Muitos continuam firmes, outros são mais pessimistas, outros ainda preferem refugiar-se num Jesus triunfador que por ele mesmo resolveria todos os problemas e que, portanto não era preciso quebrar a cabeça e falar tanto em luta e perseguição.

Realmente a memória de Jesus Messias sofredor clareou muito a nossa caminhada. Por isso fizemos questão de gravar no livrinho tudo isso, em especial a sua insistência sobre a perseguição e morte.

D. Jesus, uma pessoa alheia à publicidade.

Uma coisa que sempre nos fez refletir bastante sobre Jesus, era o seguinte: toda vez que Jesus acabava de fazer um milagre em que alguém gritava: "Tu és o Filho de Deus", ele sempre mandava calar. Sempre dava ordens de silêncio. Ele não queria publicidade (1,25; 1,34; 1,44; 3,11-12; 5,43; 7,36; 8,26; 8,30).

Nem sempre essas ordens eram atendidas (1,45; 7,36). Depois de fazer milagres, Jesus se escondia (1,35; 6,46; 8,9), mas nem sempre conseguia (7,24).

Depois da transfiguração, Jesus recomendou aos três apóstolos, que não contassem nada a ninguém do que tinham visto (9,9).

Por que isso? Os apóstolos foram compreender mais tarde e explicavam que Jesus não tinha vindo para pedir aplausos. Ele não queria enganar a ninguém. Sua grande paixão era ser fiel à vontade do Pai. Ele fazia isso também para evitar mal entendidos, e fáceis entusiasmos.

Esse detalhe era muito importante para nós. O nosso não era o tempo de muitos aplausos, de grandes manifestações. Era o tempo da firmeza teimosa, consciente e alegre. Tempo da perseverança e da fé inabalável em Jesus crucificado e vivo.

E. Jesus de Nazaré, o crucificado é o Filho de Deus.

As mulheres, que tinham seguido Jesus até ao calvário, contavam que o centurião pagão, chefe dos soldados romanos, exclamou logo após a morte de Jesus: "Realmente este homem era o Filho de Deus" (15,39). Aí não havia mais perigo de ser mal entendido.

Sim, Jesus de Nazaré, o perseguido, o torturado, o crucificado, é o Filho de Deus. Essa é a fé que anima as nossas comunidades, a nossa caminhada, as nossas celebrações, as nossas lutas. A cruz de Jesus se tornou o símbolo principal da nossa fé, a força da nossa luta, a certeza da vitória.

Esse Jesus crucificado está vivo. Nós não somos seguidores de um deus derrotado na cruz, mas de um Deus crucificado que está vivo.

Saber que Jesus passou pela morte, pela cruz, pelas perseguições era para nós um grande estímulo e motivo de esperança.

As perseguições que estávamos passando por causa da nossa fidelidade a Jesus e ao seu projeto de vida e liberdade eram sinal que estávamos no caminho certo.

As celebrações eucarísticas, onde fazemos memória viva da morte e ressurreição de Jesus, são para nós momentos fundamentais para a caminhada. Quanto mais apertam as perseguições, mais sentimos necessidade de celebrar na eucaristia, na ação de graças, Jesus crucificado e vivo entre nós.

F. Jesus, uma vida vivida no meio dos conflitos.

Nós das comunidades queríamos saber mais sobre Jesus. Queríamos por exemplo saber os motivos da sua morte.

Por que Jesus foi tão perseguido e condenado a uma morte tão humilhante? Também nesse ponto a nossa referência principal era o testemunho e o depoimento dos que chegaram a conhecer Jesus.

Também sobre esse ponto se falava bastante nas celebrações e nas reuniões das comunidades. A realidade conflitiva vivida por nós nos levava a meditar mais sobre a vida de Jesus.

Pelo depoimento dos apóstolos ficamos sabendo que Jesus não morreu por acaso, por doença ou por acidente, ou por um erro das autoridades. Ele foi perseguido e assassinado por causa da sua fidelidade ao Pai e ao Projeto do Pai.

Toda a vida de Jesus foi vivida no meio dos conflitos, das tensões, das perseguições.

Jesus foi perseguido porque declarou o bem das pessoas acima de qualquer lei (2,27; 3,1-6).

Jesus foi perseguido porque perdoava em nome de Deus, sem os pecadores precisarem ir ao templo e lá oferecer sacrifícios para alcançar o perdão, como assim queriam os chefes do templo, visando aos seus próprios interesses (2,6-16).

Jesus foi perseguido, porque sempre ficou de lado dos mais pobres, pequenos e marginalizados (2,16-17).

Jesus foi perseguido, porque foi anunciando e realizando o Projeto do Pai,, como algo totalmente diferente do sistema do templo, da sinagoga, do sistema de Herodes

e do império romano (1,14-15).

Jesus foi perseguido, porque convidou abertamente a dar as costas aos sistemas de morte, para entrar de cheio no caminho do reino do Pai (1,14-15).

Jesus foi perseguido, porque travou uma luta sem fim contra as forças do mal, contra os demônios soltos nas sinagogas (1,21) e no meio do povo sofrido (5,1-20). Demônios que oprimiam, maltratavam, impediam as pessoas de viver com dignidade.

Jesus foi perseguido, porque desmascarou a falsidade das leis judaicas (7,1-13).

Jesus foi perseguido, preso e condenado, porque a um certo momento resolveu ir à Jerusalém (10,32). Jerusalém era o centro da opressão e lá Jesus atacou duramente o templo como um sistema de roubo e de alienação (11,15-19), Lá Jesus acusou abertamente as autoridades que se apoderavam do povo, explorando e dominando (12,1-12).

Por causa de tudo isso, os sumos sacerdotes e os doutores da lei procuravam um modo esperto de prender Jesus para matá-lo (14,1). Eles conseguiram isso através da traição e da corrupção pelo dinheiro. Muitos nossos irmãos aqui em Roma foram condenados da mesma maneira covarde.

A meditação e a contemplação da vida sofrida de Jesus sempre é para nós uma grande força e luz. Longe de ficar tristes, nos dá esperança e certeza. Serve também para desfazer equívocos sobre a vida de Jesus e sobre a nossa maneira de viver e anunciar o evangelho de Jesus. Dá sentido à nossa vida e às nossas lutas. Realmente a vitória da vida passa pelo caminho da cruz.

G. Jesus, nosso único Salvador e Libertador.

Por tudo isso fizemos questão de colocar logo no começo do nosso livrinho que Jesus Cristo é o nosso único Salvador e Libertador. Não um libertador qualquer, mas um libertador que passa pelo caminho do servo sofredor. A palavra do profeta Isaías nos ajudou muito a entender a vida de Jesus (1,2-3.9-11).

Jesus foi realmente aquele que o apóstolo Pedro sempre nos dizia: “Jesus é o unigênito do Pai. Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder. Jesus andou por

toda parte fazendo o bem e curando todos os que estavam dominados pelo demônio. Sua vida foi luta constante contra as forças opressoras do mal instalado no coração das pessoas, das leis e sistemas injustos”.

Nós apóstolos somos testemunhas disso. Mataram Jesus, mas Deus o ressuscitou e o constituiu juiz dos vivos e dos mortos. E foi Jesus que nos mandou pregar a boa notícia do Reino (Atos 10,18-43). Essa fé de Pedro em Jesus era e é a mesma fé que anima nossas comunidades em Roma.

Sim, a fé que alimenta as nossas comunidades é essa: Jesus de Nazaré, o perseguido, o crucificado, é o Messias, o Cristo, o Filho de Deus, vivo para sempre. Ele é o nosso único Senhor, e não o imperador romano. Ele é o Senhor da história. Ele é o sentido da nossa vida e da nossa caminhada.

2. QUE QUER DIZER ACREDITAR EM JESUS AQUI EM ROMA

A. Uma pergunta importante e comprometedora

Achamos importante para todos nós contemplar o rosto verdadeiro de Jesus. Fizemos questão de colocar isso no livrinho. De fato havia imagens distorcidas de Jesus, com conseqüências negativas para a vida das comunidades.

A nossa preocupação nisso tudo não era tanto brigar **com** as outras divindades ou defender algumas verdades. Era para dar um sentido à vida. O que estava em jogo era a nossa vida, a nossa prática, as nossas opções.

Nesse livrinho quisemos contemplar mais de perto o rosto de Jesus para responder à seguinte pergunta fundamental: que quer dizer acreditar em Jesus de Nazaré, o crucificado, como nosso único Senhor? Quais as conseqüências dessa fé para nós que vivemos em Roma em meio a situações tão conflitivas? Era isso o que mais nos preocupava. Era urgente responder a essa pergunta para definir e orientar com mais clareza a nossa caminhada.

B. Aprendendo junto com os discípulos, na escola de Jesus.

Para responder a essas perguntas, buscamos ver mais de perto o relacionamento de Jesus com os seus discípulos. Os apóstolos falavam bastante disso nas comunidades, que iam visitando nas várias regiões.

Para nós das comunidades de Roma nos tocava bastante saber que Jesus desde o começo convidou alguns pobres — a maioria pescadores — para segui-lo (1,17-20). Mas Jesus não pedia um seguimento qualquer. O seguimento era para ser pescadores de homens.

Alguns irmãos de origem judaica nos ajudavam a entender melhor o sentido dessas palavras. De fato para os judeus o mar era o símbolo de todo mal, de toda opressão, de toda força contrária ao Projeto de Deus.

Ser pescadores de homens, portanto significava tirar os homens do fundo da opressão, do sistema contrário ao Projeto de Deus. É uma tarefa de libertação. Deu logo para entender que seguir a Jesus implica assumir o seu mesmo compromisso. A partir daí, um grupo de pessoas, homens e mulheres, decidiram seguir Jesus mais de perto (1,18-20; 10,52; 15,40-41).

Nas comunidades se contava bastante a história desses primeiros seguidores de Jesus. Pra onde ia Jesus, eles iam também. E Jesus andava muito, por toda a Galiléia, pregando nas sinagogas e expulsando demônios (1,39). Andava por lugares desertos (1,45; 3,13), nas aldeias (1,38), pelas cidades (2,1), pelas roças (2,23), pelas sinagogas (1,21; 3,1; 6,1), na beira do mar da Galiléia (2,13; 3,7; 4,1; 5,1), nas casas dos pescadores e dos pobres (1,29; 2,1; 2,15).

A vida de Jesus era no meio do povo sofrido e abandonado (5,21; 6,34). Às vezes lhe faltava até o tempo para comer e descansar um pouco (6,30-34). Jesus nunca se hospedou nas casas dos poderosos. Nunca entrou na casa dos sumos sacerdotes, ou nos palácios de Herodes e Pilatos. A única vez que Jesus entrou na casa deles foi como preso e condenado (14,53; 15,1). Jesus gostava de hospedar-se nas casas de gente pobre, como por exemplo, na casa de Simão, o leproso (14,3).

Seguindo Jesus, aquele grupinho foi aprendendo ser seus discípulos. Eles sempre

contavam a atenção, a firmeza, a clareza a compreensão com que Jesus se relacionava com eles. Nunca se sentiram forçados por Jesus em segui-lo. Mas também Jesus nunca os deixou na ingenuidade ou na indecisão, sobretudo quando a situação começou a apertar e os conflitos crescerem.

Tudo isso achávamos muito importante para a nossa caminhada cristã em Roma e por isso fizemos questão de pôr no nosso livrinho.

C. Acreditar em Jesus é seguir a Jesus pelo caminho da cruz

Nos marcaram muito as palavras que Jesus falou, logo após que Pedro tentou desviá-lo do caminho da fidelidade ao Pai. Jesus foi firme e disse na presença de todos os discípulos: quem quer me seguir deve ser capaz de deixar falsas seguranças e de assumir as conseqüências, como os conflitos e as perseguições. Pois quem quer segurar a sua vida, fugindo da cruz, vai estragar a vida, vai ficar totalmente perdido. Mas quem der a vida, quem arriscar a vida por causa da Boa Notícia do Reino, vai ser salvo, vai dar o sentido verdadeiro à própria vida (8,34-35).

Essas palavras de Jesus ditas aos seus discípulos em um momento importante, nos questionaram e nos ajudaram muito. Elas eram lembradas continuamente em nossas comunidades. **De** fato os conflitos e as perseguições eram freqüentes.

O poder romano opressor e a organização social injusta que havia em Roma, não suportavam as nossas maneira de viver e agir, conforme o Evangelho de Jesus.

A tentação de amenizar os contrastes e os conflitos com o sistema do império romano era grande. Havia alguns entre nós que afirmavam que se podia ser bons discípulos de Jesus e ao mesmo tempo andar de acordo com o sistema do império romano. A vida e a prática de Jesus transmitida a nós pelos apóstolos estavam aí para tirar qualquer dúvida. Jesus nunca entrou em acordo com o sistema judaico opressor e os seus líderes. O acordo era impossível (2,21-22).

Pela prática de Jesus e pela experiência dura que estávamos passando, não havia mais dúvida: só se pode ser discípulo de Jesus pelo caminho da cruz. A cruz, as perseguições, os conflitos são a conseqüência da nossa fidelidade a Jesus Cristo.

Pelo testemunho e o depoimento dos que conheceram Jesus, aprendermos que ter fé em Jesus não é questão de saber verdades ou praticar ritos, mas de seguir Jesus, ter

ele como único Mestre e Senhor.

No tempo de Jesus, lá na Palestina, como também em Roma nos nossos dias, havia várias escolas dirigidas por mestres, alguns deles muito famosos. Os alunos deviam tornar-se discípulos do mestre, procurando ter as mesmas atitudes e sentimentos dele.

Para nós ter Jesus como nosso único Mestre e Senhor, significa confiar totalmente na sua pessoa, ter os mesmos sentimentos, as mesmas atitudes. Significa orientar a nossa vida pela vida de Jesus.

D. Uma caminhada importante para aprender a ser discípulos de Jesus.

Houve uma caminhada importante de Jesus com os seus discípulos, que o apóstolo Pedro nos contava. Foi a caminhada de Cesaréia de Felipe até a Jerusalém. Foi pra eles uma verdadeira escola ao vivo, um aprendizado certo de como se tornar discípulos de Jesus.

Achamos importante também para a vida das nossas comunidades e por isso vários fatos daquela caminhada quisemos colocá-los no livrinho (8,27-11,1).

Deixando a região de Cesaréia de Felipe, passaram pela Galiléia (9,30). Daí foram para o outro lago do rio Jordão (10,1), entraram na cidade de Jericó (10,46) e daí subiram para Jerusalém, passando pelo povoado de Betânia (11,1). No caminho repetidas vezes Jesus falou dos conflitos e das perseguições que iria encontrar em Jerusalém. Ele não queria enganar os seus discípulos. Queria alertar que o caminho dos discípulos passa pelo mesmo caminho do mestre.

Pelo mesmo depoimento dos apóstolos, parece que eles custaram muito a entender as atitudes e a prática de Jesus. Como por exemplo, quando no caminho puseram-se a discutir sobre qual deles era o maior. Parando numa casa em Cafarnaum, Jesus aproveitou para fazer uma boa revisão e terminou dizendo que o importante é servir e não querer ser o primeiro (9,35).

Sempre durante aquela caminhada, houve até um desentendimento entre os

discípulos. Foi por causa de Tiago e João. Sem entender o que Jesus vinha dizendo e fazendo, queriam um lugar de destaque, depois da virada do poder que Jesus, na opinião deles, iria dar.

Pensavam num futuro glorioso, com muito poder e honrarias. Jesus foi muito claro e firme: o discípulo deve ter as mesmas atitudes do mestre. "Sejam como eu que não vim para ser servido e sim para servir e dar a vida pela libertação do povo" (10.35-45).

Esses recados de Jesus para os seus discípulos são muito importantes também para nós, que queremos ser discípulos de Jesus aqui em Roma, no meio de tantas tensões internas e externas.

No livrinho quisemos registrar também as várias conversas de Jesus sobre o Reino. Eram orientações muito importantes também para nós.

Como por exemplo, quando Jesus zangou com os discípulos porque estavam desprezando algumas crianças. Jesus falou bem claro: o Reino pertence às crianças e aos marginalizados. Pertence também aos que acolhem os pobres e optam por eles (10,13-16). Lembrou também que a pior coisa é escandalizar os pequeninos, os pobres, os fracos, os que não tem vez nem voz (9,42-50). Isso acontece quando se segue a ideologia dos poderosos quando andamos em busca de poder e privilégios.

Jesus, naquela caminhada, lembrou também que o Reino é dom e partilha e só quem sabe partilhar vai poder entender isso (10,17-12). Acolher o Reino do Pai como a coisa mais importante, entrar de cheio na luta pelo Reino significa encontrar muitas perseguições, mas significa também dar um sentido verdadeiro à vida (10,28-31).

Jesus ao longo do caminho lembrou a importância da oração, da intimidade com o Pai para poder expulsar os demônios que estragam a vida das pessoas e a organização da sociedade (9,28-29). Alertou os discípulos a não virar seita, grupo fechado e a não se achar os únicos capazes de expulsar os demônios (9,38-40).

Alguns destes fatos da vida de Jesus já circulavam no meio das comunidades. Eram lembrados nas celebrações, nas reuniões e serviam muito para a caminhada.

Para que ficassem de luz no caminho dos discípulos de Jesus, colocamos no livrinho.

A cura de Bartimeu, o cego de Jericó, que imediatamente seguiu Jesus, tornou-se para nós um símbolo importante de quem quer ser discípulo de Jesus (10,46-52). É preciso primeiro enxergar a grande novidade trazida por Jesus para segui-lo imediatamente.

E. Aprendendo de Jesus durante os seus últimos dias de Jerusalém

Em todas as comunidades cristãs espalhadas pelo mundo afora se dava muita atenção aos últimos dias de Jesus em Jerusalém, sobretudo aos momentos culminantes da sua paixão, morte e ressurreição. Afinal isso era o coração da nossa fé em Jesus Cristo.

Circulavam algumas apostilas escritas sobre isso, que eram bastante usadas nas celebrações. Aproveitamos esse material de acordo com a situação das nossas comunidades. Nossa preocupação era ligar aqueles acontecimentos últimos de Jesus com a realidade que estávamos vivendo em Roma. Queríamos mesmo que Jesus fosse o critério, a luz mais importante para orientar a nossa vida.

O apóstolo Pedro, durante o tempo que passou conosco em Roma, sempre nos contava da serenidade e da firmeza de Jesus durante aqueles últimos dias. Nunca Jesus apareceu como um derrotado, um vencido ou como um agitador ingênuo e superficial.

Pelo contrário, logo chegando na cidade procurou se situar dentro da realidade (11,11). Tomou certas medidas de segurança. Por exemplo, nunca dormiu na cidade (11,11. 19; 14,3). Nunca andou sozinho. Sempre ficava com os discípulos (11,14. 27) ou no meio do povo (11,18. 52; 12,12. 37).

Somente na última noite, no Getsêmani, quando a cilada contra ele já estava pronta, ele sentiu a necessidade de se retirar um pouco para renovar na intimidade com o Pai a fidelidade a Ele até as últimas conseqüências (14,32-36).

Era o que nós também fazíamos em Roma. Quando algum irmão ou irmã era perseguido, encontrávamos hospedagem pra eles em famílias de confiança ou em

lugares seguros. Não queríamos mártires de qualquer jeito. Nesse ponto havia realmente uma grande solidariedade entre as comunidades e conhecidos.

Quando Jesus entrou em Jerusalém foi aclamado como Messias por um povo pobre e marginalizado. Jesus não entrou como um Messias-guerreiro, vindo para derrubar e defender os privilégios de alguns. Jesus entrou como um Messias-pobre, um Messias-sofredor, pacífico, corajoso, consciente, portador do Reino da verdadeira Justiça (11,1-6).

Logo desmascarou o templo como lugar de opressão e exploração (11,5-19). Comparou o templo e os que dele se aproveitavam como a uma figueira seca, incapaz de dar frutos e produzir vida (11,12-14.20-23). Silenciou as autoridades que tentaram desmoralizá-lo frente ao povo (11,27-33). Atacou duramente as mesmas autoridades, acusando-as de exploradoras e opressoras do povo (12,1-12). Defendeu o povo como pertencente ao Deus da vida, e não como mercadoria a serviço da ganância de uma minoria e de interesses estrangeiros (12,13-17).

Lembrou que a fidelidade ao Pai e o amor a Ele é condição indispensável para construir relações fraternas entre os homens (12,28-34).

Foi impressionante o comportamento de Jesus. Marcou muito os discípulos que o seguiam. Nunca mais eles esqueceram. Essas atitudes de Jesus são muito importantes para nós também. Nos ajudavam e nos ajudam muito. Dão muita segurança.

Os discípulos contavam que ficaram muito impressionados quando Jesus, sentado no monte das oliveiras e tendo na frente a vista grandiosa do templo, anunciou a sua destruição.

Jesus foi duro, sem meias palavras e isso chocou muito os discípulos acostumados a pensar a grandeza sem fim do templo (13,1-8). As palavras de Jesus já eram realidade quando começamos a escrever o nosso livrinho pelo ano 71. De fato o Templo foi destruído totalmente pelo exército romano um ano atrás, em 70.

Nós ligamos tudo aquilo com a situação que estávamos vivendo em Roma. A cidade tem construções imensas, grandiosas,

graças ao trabalho forçado dos escravos e aos pesados impostos cobrados nas várias regiões do império. O imperador Nero tinha mandado construir um novo palácio

imperial, chamado de "casa dourada" pelo seu esplendor e riqueza. Roma parecia a capital eterna de um império sem fim. A sua grandeza suscitava admiração no mundo inteiro. Era celebrada como uma divindade. Era vista como a salvação do mundo.

Movidos pela dura realidade que havia em Roma e inspirados nas palavras de Jesus, nós víamos Roma como uma grande mentira, uma organização exploradora e dominadora. Enquanto a maioria celebrava a sua grandeza eterna, nós pequenas comunidades espalhadas pela periferia de Roma, anunciávamos a sua destruição. Enquanto muitos ofereciam cultos a ela, nós proclamávamos Jesus como nosso único Messias e Salvador (13,21-27).

O testamento e a vida de Jesus nos dava uma grande consciência lúcida e muita clareza em enxergar as coisas. Realmente foi muita coragem nós termos falado tudo aquilo. Foi inspiração de Deus. Tínhamos certeza de que o futuro não estava na mão do império. Deus teria vingado a semente do Reino que estávamos plantando em Roma.

A nossa adesão a Jesus nos libertava do medo, do desânimo, da sensação da derrota. Nos dava uma consciência nova, resistência teimosa na luta e muita segurança na caminhada.

Os primeiros discípulos contavam que Jesus naqueles dias falou muito sobre as perseguições não somente para ele, mas também para os que queriam ser seus discípulos (13,9-13). Tudo isso nós estávamos experimentando em Roma. Vários de nós estavam sendo perseguidos, presos, torturados, julgados e até mortos. Por causa da fidelidade a Jesus e à Boa Notícia do Reino, vários de nós estávamos sendo perseguidos até dentro das próprias famílias. As palavras de Jesus fortaleciam muito nesses momentos duros.

Outra coisa que nos ajudou bastante foram as recomendações insistentes de Jesus sobre a vigilância (13,33-37). Jesus convidou os discípulos a não engolir as mentiras dos doutores da lei (12,38), a não se deixar influenciar por falsos profetas e falsos messias (13,21-22). Pessoas parecidas como essas havia de sobra em Roma.

Para nós a palavra "vigiar" dita várias vezes por Jesus, significava romper com tudo aquilo que podia impedir o nosso

seguimento a Jesus, significava dar as costas a grande mentira do império romano e a não se deixar enganar pelos falsos profetas.

Nem sempre conseguíamos viver as palavras de Jesus. A fragilidade muitas vezes toma conta da gente. Isso aconteceu até com o apóstolo Pedro. Porém a presença de Jesus, suas palavras meditadas e assumidas nos davam e continuam nos dando muita luz, muita força e humildade para sair das fragilidades e seguir adiante firmes e serenos.

P. Durante o processo

O processo que os chefes do povo levantaram contra Jesus foi toda uma montatura falsa para justificar o que já tinham decidido (14,53-65). O comportamento de Jesus durante o processo sempre nos impressionou muito e era motivo constante de inspiração para nós (14,61; 15,5).

Ele não se defendeu com muitas palavras, para demonstrar com o seu silêncio a hipocrisia e a falsidade das acusações. De réu ele passou a ser juiz que condenava todo o sistema causador da sua morte.

Jesus, condenado por uma sociedade e um poder injusto e opressor, era o Messias, o Filho de Deus que inaugurava a sociedade nova e justa do Reino de Deus.

Esse comportamento de Jesus iluminava muito o nosso comportamento em Roma em tempo de perseguições. Processos falsos e acusações injustas eram movidas contra vários de nós. Não tínhamos direito a defesa. As atitudes de Jesus nos convidavam e nos convidam continuamente a, ter atitudes serenas, firmes, conscientes, corajosas, para desmascarar toda aquela hipocrisia. Assim também nós, como Jesus, de réus passávamos a ser juizes de um sistema corrupto e perverso. De vencidos, como nos consideravam, éramos os verdadeiros vencedores.

Outro detalhe que nos tocou muito durante a paixão de Jesus foi o comportamento de algumas mulheres. Elas vinham seguindo Jesus desde os inícios e seguiram Jesus até os últimos momentos da paixão (15,40-41). Elas, pessoas desprezadas, são para nós o símbolo do verdadeiro discípulo de Jesus. O testemunho delas iluminava e questionava muito.

G. O encontro com Jesus ressuscitado na Galiléia

Como já dissemos, as dificuldades, os conflitos, as perseguições marcaram muito a vida das nossas comunidades. As vezes a situação parecia tão difícil que muitos se perguntavam: será que as forças do mal irão continuar crucificando inocentes? Será que essa nossa caminhada tem futuro? Será que vamos agüentar sempre tudo isso?

Muitos em Roma zombavam de nós, chamando-nos seguidores de um deus morto e, pior ainda, de um deus crucificado. Isso era loucura e escândalo para o mundo.

Foi a partir dessa nossa situação de morte que entendemos melhor o sentido da ressurreição de Jesus.

O túmulo vazio encontrado pelas mulheres era sinal que a morte não era o fim de tudo (16,1-5). Jesus não tinha terminado na morte. Ele, Jesus de Nazaré, o torturado, o crucificado, tinha ressuscitado de verdade. A vida venceu a morte. O Pai venceu as forças opressoras que causaram a morte de Jesus.

A certeza da ressurreição de Jesus crucificado dá às nossas comunidades muita força e coragem. Sim, o derrotado não foi Jesus, mas o poder que o crucificou.

Assim também entre nós. Os derrotados não são os nossos mártires, mas o império romano com todas as suas legiões de soldados e com toda a sua potência imensa.

O jovem de saia branca, sentado no túmulo vazio, que deu a boa notícia da ressurreição de Jesus, pediu às mulheres para avisar Pedro e os outros discípulos que fossem para a Galiléia (16,6-7). Jesus de Nazaré, o crucificado e agora ressuscitado, tinha marcado um encontro com eles na Galiléia.

Galiléia é o lugar onde Jesus lançou o anúncio do Reino (1,14-15). É o lugar onde o Reino foi avançando, devolvendo vida e liberdade aos marginalizados e oprimidos.

Agora para se encontrar Jesus ressuscitado era preciso pôr-se a caminho da Galiléia, para assim compreender melhor que Jesus ressuscitado é o mesmo Jesus de Nazaré, que enfrentou os demônios, os poderes do mal, os chefes opressores. É o mesmo Jesus que andou no meio do povo sofrido e marginalizado, levando e atuando a boa notícia do Reino.

Tudo isso é muito importante para nós, que éramos considerados como seguidores de um deus morto. É importante para entender que, com Jesus, também para nós a

vitória da vida e da verdade passa pelo caminho da perseguição. A certeza que faz a gente caminhar é essa: nós não somos seguidores de um deus derrotado, mas de um Deus vivo, crucificado e ressuscitado. Isso dá sentido às perseguições e aos conflitos que passamos. E era isso que queríamos lembrar no livrinho.

Queríamos lembrar também outra coisa que nos parecia muito importante. Contavam para nós que as mulheres saíram do túmulo correndo, com medo e bastante assustadas. E não disseram nada a ninguém, porque estavam com medo (16,8).

Nós entendemos aquilo como um chamado a não esquecer a cruz, mesmo depois da ressurreição de Jesus. Era preciso descartar qualquer pensamento triunfalista. A certeza da ressurreição não significa fuga ou fácil entusiasmo. Não é tempo de euforia ingênua. O encontro com Jesus ressuscitado se dá sempre pelo caminho da cruz, da luta contra as forças do mal, da opressão e da injustiça.

H. Resumindo: discípulos, apóstolos, profetas.

Eis aqui em poucas palavras o que nós comunidades cristãs presentes em Roma pelo ano 71 entendemos o que quer dizer acreditar em Jesus:

1. Significa seguir Jesus, para tornar-se seus discípulos.
2. Ser discípulo de Jesus significa ter os seus mesmos sentimentos, as mesmas atitudes.
3. Ser discípulos de Jesus aqui em Roma significa assumir a cruz, os conflitos, as perseguições por causa do Reino (8,34-35).
4. Significa ser seguidor de Jesus de Nazaré, crucificado e ressuscitado.
5. Significa ser apóstolos da boa notícia do Reino (6,7-13).
6. Significa ser profetas, rompendo com todas as forças do mal, da dominação e continuar a obra de Jesus, com a certeza de que a vitória é dos pequenos que acreditam na presença viva de Jesus (6,13).

7. O grupo das mulheres que acompanharam Jesus desde o início até a cruz e que viram o sepulcro vazio, são um símbolo autêntico do verdadeiro discípulo de Jesus.

Tudo isso fomos aprendendo a partir da realidade dura vivida em Roma e da memória de Jesus Cristo.

Com essa nossa conversa quisemos expressar os motivos e as intenções que nos levaram a escrever o livrinho da Boa Notícia de Jesus, o Cristo, o Filho de Deus,

Vale a pena lembrá-los de novo.

Não escrevemos por passatempo ou só para contar histórias do passado. Não estava em nossos planos escrever. Foi a pedido de muitas comunidades. O que mais nos motivou era a situação concreta pela qual estávamos passando nós todos cristãos aqui em Roma.

Pêlos anos 60-70 a nossa situação em Roma era, de tensão, de conflito, de perseguição. Situação que continua até hoje. Nossa maneira de viver conforme o Evangelho de Jesus Cristo era bem diferente do sistema do império romano e da organização sócio-política que havia em Roma.

Não dava para combinar. Tínhamos que criar uma caminhada totalmente nova. Estávamos ainda com poucos anos de caminhada. Os desafios eram tantos. Problemas externos e internos haviam de sobra. O que estava em jogo era a nossa fidelidade a Jesus Cristo.

Outro motivo que nos levou a escrever era também pensando nas gerações futuras. Muitos dos que tinham conhecido e seguido Jesus já estavam mortos. Os sobreviventes estavam ficando velhos e sempre no perigo de serem mortos. Era preciso colocar por escrito a memória viva e verdadeira de Jesus, para que pudesse servir e iluminar a caminhada também das futuras gerações de discípulos de Jesus.

Sim, a nossa vontade firme, a nossa grande paixão era ajudar-nos a ser discípulos de Jesus Cristo, apóstolos e profetas do seu Reino dentro da realidade concreta que vivíamos em Roma.

Infelizmente já estavam aparecendo em Roma imagens distorcidas de Jesus. Queríamos resgatar a memória viva e verdadeira de Jesus, para que servisse de luz e de critério definitivo para a nossa caminhada.

Já havia alguns escritos sobre Jesus. Vários discípulos que conheceram mais de perto Jesus tinham escrito alguns panfletos importantes sobre ditos e fatos da vida de Jesus. Esses panfletos circulavam nas comunidades espalhadas em várias regiões do império. Vários destes panfletos circulavam também nas comunidades de Roma.

Esses panfletos e apostilas serviam muito para conservar a memória viva de Jesus. Era, sobretudo o testemunho corajoso de irmãos perseguidos e até mortos por causa do Evangelho que ajudava a manter viva a memória de Jesus. E isso era de grande

estímulo para as comunidades.

Mesmo assim, as comunidades sentiam necessidades de ter algo escrito mais completo sobre a vida de Jesus. Algo que respondesse às situações concretas que estávamos vivendo. Algo que nos ajudasse a ser seguidores de Jesus Cristo no meio dos conflitos. Algo que servisse de ponto de referência e de luz para a caminhada.

Por tudo isso, nos pusemos a escrever esse livrinho, Ele contém a memória viva de Jesus. Ele testemunha a fé em Jesus que havia em nossas comunidades. Ele quer mostrar caminhos e exigências para quem quisessem ser discípulo de Jesus, aqui, **em Roma**, nessa época em que estamos vivendo.

A presença e o testemunho de discípulos e apóstolos que conheceram mais de perto Jesus são garantia da nossa fidelidade à memória verdadeira de Jesus.

Realmente, o livrinho foi fruto de um grande mutirão **das** comunidades e de uma humilde e confiante abertura à presença do Espírito de Deus. O clima de oração, de partilha, de compromisso marcou a composição do livrinho.

Nós que cuidamos da redação final do livrinho procuramos organizar e arrumar melhor, levando em conta, sobretudo aqueles dois objetivos: clarear melhor quem é Jesus e o que quer dizer acreditar n'Ele dentro da situação concreta em que vivíamos.

FINALIZANDO...

1. O LIVRINHO NÃO ACABOU

Ao terminar o livrinho, nossa intenção não era bem de fechá-lo, e sim de deixá-

lo em aberto. Na realidade, ele não termina com a última linha.

O livrinho é só o começo da Boa Notícia de Jesus, o Messias, o Senhor. Nosso desejo é que essas boas notícias de Jesus e do Reino possam ser experimentadas e vividas na luta e no compromisso de tantos seguidores de Jesus.

Assim outras boas notícias surgirão, para alegria de muitos e escândalo de outros. Surgirão para firmar mais ainda os que querem ser seguidores de Jesus Cristo. Temos certeza de que essas boas notícias são a melhor maneira de dar glória a Deus.

Graças à presença viva do Espírito de Jesus, essas boas notícias já vinham acontecendo em nosso meio. O mesmo apóstolo Paulo, com muita delicadeza recordava isso na linha certa que nos tinha enviado anos atrás: "Irmãos, antes de tudo, dou graças a Deus por meio de Jesus Cristo por causa de vocês, pois a fama da fé que vocês têm se espalhou pelo mundo inteiro" (Rom 1,8).

Por tudo isso, reconhecido e alegre, deu graças a Deus.

Sim, queremos que esse livrinho seja o começo de tantas outras notícias boas que surgirão do meio das comunidades.

Jesus, o Cristo, o Messias-sofredor e vencedor do mal e dos sistemas de morte é a maior Boa Notícia, que faz a gente caminhar na luta e na certeza da vitória da vida. É essa Boa Notícia que nos empurra para frente e nos dá força para enfrentar o demônio do império romano e as dificuldades existentes entre nós.

Queremos que essa mesma Boa Notícia de Jesus inspire e provoque tantas outras boas notícias.

Foi por isso que escrevemos esse livrinho e foi por isso que no cabeçalho do livrinho fizemos questão de colocar:

COMEÇO DA BOA NOTÍCIA DE JESUS, O MESSIAS,
O FILHO DE DEUS (1,1).

Sim, realmente esse livrinho é só o começo.

2. ACOLHIDA E USO DO LIVRINHO DAS COMUNIDADES

O livrinho foi muito bem acolhido nas nossas comunidades. Foi recebido como um presente de Deus. Alegrou muito as comunidades. Parecia esperado há muito tempo.

Sentimos de perto que foi mesmo inspiração de Deus. E assim foi recebido nas comunidades: como PALAVRA DE DEUS. Palavra viva, eficaz, penetrante, iluminadora e orientadora. Tornou-se para todos nós, fonte de inspiração, de luz, de orientação. É a palavra mais importante. É o critério definitivo e decisivo nos momentos de discernimento.

O livrinho começou logo a ser usado nas celebrações, nas reuniões, nas visitas. É lido e meditado nos vários momentos da nossa caminhada, sobretudo nos momentos mais difíceis e na hora das decisões importantes.

Muitas comunidades pediam cópia do livrinho, para poder usá-lo constantemente. Alguns nossos irmãos, com muito carinho escreveram vários exemplares para atender aos pedidos das comunidades. Passou a ser realmente O LIVRINHO DA COMUNIDADE, o mais importante. Era chamado o nosso livrinho.

O livrinho tornou-se o texto principal da nossa catequese. É o resumo escrito da nossa fé em Deus, assim como era vivida nas nossas comunidades de Roma. Mais do que um relatório é o testemunho sincero da nossa fé em Jesus, da nossa busca constante de seguidores de Jesus Cristo.

Dos jovens e adultos que pediam entrar nas nossas comunidades para conhecer mais perto Jesus, exigíamos um bom tempo de preparação antes do batismo e do compromisso definitivo. Não queríamos adesões apressadas e superficiais. O tempo era de perseguição, de conflitos. Era necessário fazer opções conscientes, convencidas e corajosas.

O tempo de preparação dura vários meses, antes da festa da Páscoa. Nesse período, além de participar da vida de comunidade, os catecúmenos refletem e meditam com atenção o livrinho. Durante a vigília pascal o livrinho é lido todo de novo, antes da celebração do batismo, como sinal de adesão a Jesus Cristo e como compromisso de luta na construção da obra de Jesus, o Reino.

3. UM AGRADECIMENTO E UM CONVITE

Nós, que trabalhamos na organização final do livrinho, queremos agradecer por esse

grande presente de Deus. Queremos dizer nossa alegria por ter colaborado no nascimento desse livrinho.

Conscientes das nossas fraquezas queremos fazer nossas as palavras que o apóstolo Paulo escreveu numa carta enviada à comunidade de Corinto e que felizmente chegou até em nossas mãos.

"Esse tesouro da presença de Jesus, nós o levamos em vasos de barro, para que todos reconheçam que esse incomparável poder pertence a Deus e não é propriedade nossa" (2 Cor. 4,7)

Convidamos vocês a ler esse livrinho inspirado por Deus. Leiam em comunidade, em clima de acolhida aos apelos de Deus, com os pés no chão do Reino de Deus e dos pobres da terra. Nosso desejo é que o livrinho ajude a sermos discípulos de Jesus Cristo, apóstolos e profeta do seu Reino, que queremos seja também o nosso.

Foi com esse pensamento e desejo que escrevemos o livrinho.

Vários subsídios estão à disposição dos grupos e dos seus assessores.

— **"VIDA E LUTA DA PASTORAL DE JUVENTUDE NO BRASIL"**

Essa história da Pastoral de Juventude permitirá aos agentes de pastoral e aos jovens militantes entenderem o que aconteceu e o que está acontecendo hoje na Pastoral de Juventude.

— **"QUEM SOMOS" (O que é a Pastoral de Jovens do Meio Popular)**

Para que os grupos de jovens do campo ou da cidade possam se identificar como jovens oprimidos que querem se libertar.

— **"ADOLESCENTES CAMINHANDO: QUEREMOS VIVER"**

Os adolescentes (de 12 a 15 anos) acharão vários roteiros de debates para as reuniões do grupo. Cada proposta parte da vida e dos anseios dos adolescentes.

— **"NÓS JOVENS DO CAMPO"**

Os grupos de Jovens do Meio Popular Rural terão uma ajuda preciosa para refletir a partir da sua vida: amizade, família, namoro, sexo, mulher, divertimento, etc.

— **"JOVENS DO CAMPO LUTANDO POR UM MUNDO NOVO"**

Este livreto é a continuação do outro, a fim de ajudar os grupos de Jovens do Meio Rural a refletir e agir a partir de sua vida: o futuro, a escola, a saúde, a água, os transportes, o sindicato, a terra, etc.

— **"LUTANDO CANTANDO" (4ª edição)**

Muitas músicas que podem animar as reuniões, orações e celebrações dos grupos. Músicas que ajudam a reflexão por causa do seu conteúdo.

"EM BUSCA DE UMA ESPIRITUALIDADE LIBERTADORA"

Este subsídio quer ajudar os jovens militantes e assessores a aprofundar as suas motivações a partir do seu engajamento na realidade Latino-Americana. Eis aqui uma nova contribuição para iluminar uma espiritualidade do engajamento — (75 páginas).

“PROFETAS PARA HOJE”

5 Profetas do Antigo Testamento (Isaías, Jeremias, Amos, Oséias, Miquéias) são apresentados no contexto da sua época e nos ajudam a descobrir o pensamento de Deus para o mundo de hoje. Este subsídio muito rico nos mostra o caminho para ser profeta aqui e agora — (70 páginas).

“ESPIRITUALIDADE DO MILITANTE”

Esta contribuição quer incentivar Militantes e Assessores a refletir sobre alguns aspectos da Espiritualidade que anima a PJMP.

“COMO INICIAR UM GRUPO DE MILITANTES”

Os jovens Militantes têm que ter um espaço para avaliar a sua ação à luz da fé. Este livrete dá pistas que ajudarão no nascimento de grupos de Militantes. Uma proposta para a revisão de vida poderão contribuir também.

“CAMINHANDO NA VIDA DESCOBRINDO O CRISTO”

(3ª Edição renovada). 45 roteiros para que os grupos de jovens que querem conhecer melhor o Cristo. É de grande utilidade na preparação ao Batismo, a Comunhão, a Crisma. Cada roteiro parte da experiência concreta dos jovens. Os professores de religião acham neste caderno uma grande ajuda para as aulas.

“AS ETAPAS DE CRESCIMENTO NA PASTORAL DE JOVENS DO MEIO POPULAR”

Os assessores jovens e adultos têm que respeitar as etapas do processo de iniciação. Este subsídio quer dar uma visão destas várias etapas.

“O USO DO TEATRO NA PASTORAL”

Os que querem fazer teatro encontram neste livrete várias técnicas (Dinâmica

corporal e expressão vocal).

“O EVANGELHO DE MARCOS”

O objetivo deste livrinho é despertar em todos os seus leitores um interesse de conhecer o teatro e o contexto em que nasceu e foi feito o Evangelho de Marcos.

“EVANGELIZAR OS JOVENS DO MEIO POPULAR DESPERTANDO A CONSCIÊNCIA DE CLASSE”

Este livrinho contém textos de Documentos da Igreja da América Latina e do Brasil sobre Evangelização.

ALGUNS DOCUMENTOS IMPORTANTES

“PJMP — SEMENTE DO NOVO NA LUTA DO POVO”

É o texto tão esperado do 6º Encontro Nacional da Pastoral de Juventude do Meio Popular — Todos os grupos têm que estudar este documento que mostra os objetivos da PJMP, seu jeito de trabalhar, sua maneira de realizar a formação, sua organização, sua espiritualidade.

“TRÊS PRIORIDADES PARA A PASTORAL DE JUVENTUDE”

A leitura deste documento do IV Encontro Nacional de PJ. é indispensável para entender as grandes linhas da Pastoral de Juventude no Brasil, hoje.

“ASPECTOS DA PASTORAL DE JUVENTUDE”

Documento do V Encontro Nacional de Pastoral de Juventude.

“PROCESSO DE FORMAÇÃO”

Este documento do VI Encontro Nacional de Pastoral de Juventude é de grande utilidade para militantes e assessores que querem refletir sobre a sua militância.

“PROCESSO DE FORMAÇÃO NA PASTORAL DE JUVENTUDE” (Versão Popular)

Esta adaptação popular do documento do VI Encontro Nacional da PJ. é um subsídio muito valioso para despertar os grupos de jovens para a militância.

ATENÇÃO: Escolha os cadernos que lhe interessam e envie seu pedido para:
CNBB — REGIONAL NE II Setor de Publicações Rua do Giriquiti, 48 Boa Vista 50.070 — RECIFE — PE Fone: (081) 231-3177 — Ramal 36

OBSERVAÇÃO: Você receberá a sua encomenda nos correios e pagará pelo reembolso postal.